

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA  
MARIA CLAUDIA HELENA DE SOUZA**

***MEMÓRIAS SEM MALÍCIA DE GUDESTEU  
RODOVALHO, DE GILBERTO DE ALENCAR, E O  
ATENEU, DE RAUL POMPÉIA – LEITURA EM  
MOVIMENTO: INCURSÕES INTERTEXTUAIS E  
ARQUIVO PESSOAL***

Juiz de Fora  
2013

**MARIA CLAUDIA HELENA DE SOUZA**

***MEMÓRIAS SEM MALÍCIA DE GUDESTEU  
RODOVALHO, DE GILBERTO DE ALENCAR, E O  
ATENEU, DE RAUL POMPÉIA – LEITURA EM  
MOVIMENTO: INCURSÕES INTERTEXTUAIS E  
ARQUIVO PESSOAL***

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Mestrado em Letras, Área de Concentração: Literatura Brasileira.  
Linha de Pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Moema Rodrigues Brandão Mendes

Juiz de Fora  
2013

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca – CES/JF**

Souza, Maria Claudia Helena de

Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, de Gilberto de Alencar, e O Ateneu, de Raul Pompéia leitura em movimento: incursões intertextuais e arquivo pessoal. / Maria Claudia Helena de Souza. – 2013  
109 f.

Dissertação (Mestrado em Letras)-Centro de Ensino Superior, Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.  
Bibliografia: f. 105-109

1. Linguagem - Literatura. 2. Narrativa – Análise estrutural.  
3. Teoria literária. I. Centro de Ensino Superior. II. Título.

CDD 808.06

## FOLHA DE APROVAÇÃO

SOUZA, Maria Claudia Helena de. *Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, de Gilberto de Alencar, e o Ateneu, de Raul Pompéia – leitura em movimento: incursões intertextuais e arquivo pessoal*. Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Mestrado em Letras, Área de Concentração: Literatura Brasileira, realizada no 1º semestre de 2013.

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Moema Rodrigues Brandão Mendes  
Orientadora (CES/JF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Verônica Lucy Coutinho Lage  
Membro convidado (UFJF)

---

Prof. Dr. Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira  
Membro convidado (CES/JF)

Examinada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Dedico este trabalho, com muito amor e carinho, às minhas filhas Thaís e Laura.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por ter-me abençoado todos os dias desta caminhada.

À minha Orientadora, Professora Dr<sup>a</sup>. Moema Rodrigues Brandão Mendes, pela competência e responsabilidade na orientação, disponibilidade, compreensão, dedicação e, acima de tudo, pela amizade.

Ao Prof. Dr. Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Verônica Lucy Coutinho Lage por todas as sugestões, quando da qualificação deste trabalho.

A meus pais, José Francisco e Cecília, e minha família, que lutaram junto comigo para este sonho tornar-se realidade.

Ao Cláudio, Thaís e Laura, por terem compreendido minhas ausências e pelo apoio.

À minha irmã Maria da Glória, pela especial atenção nas releituras do texto.

Às minhas amigas, Andréia, Liene, Lúcia, Lourdes, Marluce, Márcia e Mirian, pelas orações, pensamentos positivos e incentivos para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

Ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), representado pelos professores e seus colaboradores, pela oportunidade e dedicação.

Aos colegas do grupo de pesquisa, pelo auxílio na coleta de informações e, sobretudo, pelo companheirismo.

Ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pela grande atenção e disponibilidade de seus colaboradores no apoio a esta pesquisa.

Finalmente, agradeço à família Alencar, pela generosidade na doação do acervo, sem o qual a realização desta dissertação não seria possível.

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

.....  
As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas  
muito mais que lindas  
essas ficarão.  
Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

SOUZA, Maria Claudia Helena de. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, de Gilberto de Alencar, e o Ateneu, de Raul Pompéia – leitura em movimento: incursões intertextuais e arquivo pessoal.** 2013. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

Esta pesquisa apresenta um estudo da obra **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, do escritor mineiro Gilberto de Alencar, a partir de um conjunto documental de cartas remetidas ao escritor. Este diálogo epistolar foi ampliado com o acréscimo da correspondência de Cosette de Alencar, escritora e filha do titular. Este acervo, depositado no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em Juiz de Fora, definiu duas condutas de investigação: a primeira foi a elaboração de uma edição de fontes ou edição anotada das missivas, que se destinou a comentar o romance escolhido, e a segunda teve sua origem nas críticas dos signatários, que se valeram da escrita epistolar, para glosar sobre a relação intertextual situada entre o romance citado e a obra **O Ateneu**, de Raul Pompéia. Duas fontes teóricas, portanto, fundamentaram esta pesquisa: a intertextualidade, responsável por parte dos estudos desenvolvidos, e a Crítica Genética, responsável pela parte dos registros, permitindo intuir o contexto por trás do texto. Este é o grande feitiço do arquivo pessoal: revelar o homem-escritor atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcaram a correspondência pessoal.

**Palavras-chave:** **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho. O Ateneu.** Intertextualidade. Arquivo pessoal.



## ABSTRACT

This research presents a study on the novel **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, by the Brazilian writer Gilberto de Alencar, from a documentary set of exchanged letters to the writer. This epistolary dialogue was enlarged by the increase of the missives of Cosette de Alencar, who was a writer and also the holder's daughter. This collection, stored in Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) in Juiz de Fora, defined two strealines of investigation: the first one was the elaboration of a new edition of sources or annotated edition of missives, which was done to comment on the chosen book, and the second one had its origin in the criticism of the signatories, which used the epistolary writing to reflect upon the intertextual relation between the cited book and the book **O Ateneu**, by Raul Pompéia. To do so, two theoretical sources were the base of this research: the intertextuality, responsible for part of the developed studies, and the Genetic Criticism, which pointed out the other part of the records, allowing the reader to make insights of the context from the text. This is the great enchantment of the personal archive: to reveal the man-writer attested by the spontaneity and by the intimacy that have marked the personal letter-exchanging.

**Key-words:** **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho. O Ateneu.** Intertextuality. Personal archive.

## LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
AML	Academia Mineira de Letras
CEBI	Centro de Estudos Bíblicos
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CNRS	Centro Nacional de Pesquisa Científica
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
IPC	Índice Geral de Preços
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IFET SUDESTE DE MINAS	Instituto Federal de Educação Tecnológica do Sudeste de Minas
ITEM	Instituto de Textos e Manuscritos Modernos
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
SMC	Sociedade Mineira de Cultura
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 MEMÓRIAS SEM MALÍCIA DE GUDESTEU RODOVALHO E O ATENEU</b> .....	15
2.1 GILBERTO DE ALENCAR E SUA PRODUÇÃO INTELECTUAL.....	15
2.2 RAUL D'ÁVILA POMPEIA E SUA PRODUÇÃO INTELECTUAL.....	17
<b>3 LEITURA EM MOVIMENTO: ENREDOS</b> .....	19
3.1 GUDESTEU E SUAS MEMÓRIAS.....	19
3.2 SÉRGIO E SUAS MEMÓRIAS.....	25
3.3 DIÁLOGO INTERTEXTUAL: TEORIA E PRÁTICA.....	27
3.3.1 <b>Teoria e conceituação</b> .....	28
3.3.2 <b>Incursões intertextuais entre as obras</b> .....	29
<b>4 A CRÍTICA GENÉTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	42
4.1 ARQUIVOS PESSOAIS: CONFIDENTES DE UM TEMPO.....	44
4.2 MUSEU DE ARTE MURILO MENDES (MAMM) – DEPOSITÁRIO DE VÁRIOS ACERVOS DOCUMENTAIS E ARTÍSTICOS.....	45
4.3 A ESCRITA EPISTOLAR: NAS ENTRELINHAS DAS CARTAS.....	49
4.4 IMPORTÂNCIA DA EDIÇÃO ANOTADA DA CORRESPONDÊNCIA....	55
<b>5 EDIÇÃO ANOTADA</b> .....	57
5.1 CRITÉRIOS ESTABELECIDOS.....	57
5.2 EDIÇÃO ANOTADA: ESTABELECIMENTO DO TEXTO.....	60
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105

## APRESENTAÇÃO

Eu, Maria Claudia Helena de Souza, trabalho na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) desde 1986, com formação nas áreas de Economia, Administração e Engenharia Econômica. A conclusão, em 2010, de minha segunda graduação em Administração, após 20 anos sem me dedicar à vida acadêmica, transformou-se em motivação para o desafio de cursar o mestrado.

Agradeço muito ao Centro de Ensino Superior (CES/JF) e à Sociedade Mineira de Cultura (SMC), por possibilitarem esse contato mais próximo com as letras, com a prosa e com a poesia, impulsionando-me a novas descobertas. A convivência com o corpo docente, com colegas de curso e com os colaboradores dessa casa foi imprescindível para que o decurso fosse percorrido com êxito.

O autor Gilberto de Alencar foi-me apresentado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Moema Rodrigues Brandão Mendes, minha orientadora, que, em suas aulas, ministrando a disciplina Pesquisa em Literatura Brasileira, discorreu sobre a vida, obra e o acervo do escritor mineiro. Esse relato levou-me a refletir sobre a possibilidade de estudar um autor de minha cidade, que escreveu sobre lugares que me são familiares e retratou a vida mineira em sua simplicidade e encanto. Quanto ao romance escolhido, confesso que me identifiquei muito com a história, sobretudo porque apresenta um enredo de reflexão ante as fragilidades humanas, ante os sentimentos profundos e essenciais.

Outro aspecto relevante para a escolha do objeto de pesquisa foi o possível acesso às informações sobre o autor e sua obra. Pela importância significativa de Gilberto de Alencar para o município de Juiz de Fora, sua herança documental foi recebida para guarda pela Universidade Federal de Juiz de Fora, compondo parte dos arquivos literários do Museu de Arte Murilo Mendes. Afirmando, portanto, que a possibilidade de estudar um acervo depositado na instituição em que trabalho foi muito gratificante para mim.

Sobre essa questão, é importante registrar que muito motivou o desenvolvimento desta dissertação a participação no Grupo de Pesquisa, *O RESGATE DAS ESCRITURAS: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para composição de um dossiê genético-crítico*, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Moema Rodrigues Brandão Mendes (Centro de Ensino Superior – CES-

JF-SMC), juntamente com os pesquisadores Prof<sup>a</sup>. Pós-Doutora Eliane Vasconcellos (Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ), Prof. Ms. José Alberto de Pinho Neves (UFJF), Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Leila Rose Márie da Silveira Batista Maciel (IFET SUDESTE DE MINAS), e estudantes do Programa de Mestrado em Letras do CES-JF-SMC, Ana Paula Calixto, Beatriz Pires de Moraes Barbosa, Cássia Aparecida Braz Araújo, Cassimiro Baesso Junior, Dirce Pereira Lelis, Elisabete Cerqueira, Elizabeth Luchesi, Geraldina Antônia Evangelista de Oliveira, Liene Maria Meireles Quinet, Maria Regina Carvalho, Martha Lucia Ferreira Fonseca, Mirian Bartels, Pâmela E. M. C. Julião e Vânia Caldeira Brant Guimarães.

Ainda, enquanto pesquisadora, tive a oportunidade de um primeiro contato com a família de Gilberto de Alencar, quando, em 18 de abril de 2012, o grupo de pesquisa contou com a presença de sua neta e bisneta, Marta e Mariana Alencar, que discorreram um pouco sobre o escritor e também tomaram conhecimento do projeto de realização do inventário analítico do arquivo da família Alencar.

É interessante observar que o contato com arquivos de outros escritores, mas, sobretudo com o arquivo de Gilberto de Alencar, foi incisivo para abraçar a grande responsabilidade que estava assumindo. Manuseando documentos originais que um dia fizeram parte da vida do escritor, e que foram tocados pelas suas mãos, fizeram-me perceber que seria instigante e fascinante a realização da pesquisa.

Na qualidade de pesquisadora, formulando perguntas, buscando respostas, em meio a tantos recortes de jornais, revistas, manuscritos, cartas, bilhetes, cartões postais e outros documentos que me foram apresentados, fui descobrindo e resgatando, aos poucos, parte da memória literária de Juiz de Fora e de Minas Gerais.

O desenvolvimento desta pesquisa colocou-me na condição de também contribuir para a produção do conhecimento, sua disseminação e resgate da memória de minha cidade.

## 1 INTRODUÇÃO

O contato inicial com o material que compõe o acervo de Gilberto de Alencar e de sua filha Cosette de Alencar conduziu-nos à primeira proposta de trabalho apresentada durante o IX Colóquio de Literatura Brasileira, realizado no CES-JF-SMC, em 2011. O objetivo consistia em analisar aspectos do processo de criação de Gilberto de Alencar em sua obra **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, a partir de sua correspondência, justificando-se pela identificação de missivas que comentassem este processo de criação.

A pesquisa foi iniciada com a leitura das cartas remetidas entre 1945, data próxima da 1ª publicação do romance, e 1965, recorte temporal que se deveu ao relançamento póstumo das obras de Gilberto de Alencar em Juiz de Fora. A Livraria Zappa, em 1963, proporcionou esta homenagem ao escritor, organizada por sua filha. Objetivando conhecer o diálogo epistolar que Gilberto de Alencar e Cosette de Alencar mantinham com alguns signatários, foi delimitado um período temporal em torno do lançamento, investigando então até o ano de 1965. Cosette de Alencar era uma grande admiradora do pai e, mesmo após a morte de seu progenitor, manteve correspondência com vários escritores em nível nacional com a intenção de promover as obras de Gilberto de Alencar.

Parte desta pesquisa, portanto, consistiu no levantamento e na transcrição da correspondência que se destinava a comentar a escritura do romance, buscando desvelar o processo de criação de **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

Com a leitura das cartas, pôde-se constatar que o processo de criação em si não estava sendo discutido; entretanto, foram identificadas e separadas as cartas contendo importantes impressões de outros escritores sobre uma possível relação intertextual entre **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, de Gilberto de Alencar, e **O Ateneu**, de Raul Pompéia. Esta informação foi corroborada com a citação do colégio Ateneu, presente no início do romance de Gilberto de Alencar. Daí, então, parte desta pesquisa foi direcionada para a verificação da existência das relações intertextuais citadas. É importante ressaltar, entretanto, que não foi objeto desta pesquisa, o aprofundamento do diálogo intertextual, e sim, o apontamento do mesmo, que ao nosso ver seria objeto de uma outra pesquisa.

A outra parte da pesquisa desenvolveu-se com a elaboração de uma edição de fontes que se justifica pelas informações preciosas que as missivas forneceram para uma melhor compreensão da obra. As notas de uma edição de fontes revelam-se como uma importante ligação entre a correspondência e o tempo histórico vivido pelo indivíduo, traduzindo-se em uma valiosa fonte de consulta, subsidiando outras pesquisas tanto no campo da literatura quanto em outras áreas do conhecimento.

As pistas apontadas pela correspondência e as críticas proferidas por escritores como Agrippino Grieco e Oscar Mendes sobre a obra **O Ateneu** foram imprescindíveis para a persistência na busca do diálogo intertextual.

Os pressupostos teóricos nos quais se fundamenta esta pesquisa pertencem à Crítica Genética e à intertextualidade, enriquecidos pelos estudos sobre arquivos pessoais e escrita epistolar.

Todo o texto desta dissertação está em concordância com o Novo Acordo Ortográfico, inclusive as citações teóricas; entretanto, na transcrição das cartas, dos fragmentos dos romances e nas crônicas de jornais, será mantida a grafia e pontuação originais dos autores e de sua época. Este trabalho, estudo inédito, integra-se à linha de pesquisa Literatura de Minas: o regional e o universal e está estruturado em seis seções.

Na segunda seção, intitulada “**Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho e O Ateneu**”, estão presentes informações biográficas sobre os escritores e sua produção intelectual.

Na terceira seção, serão apresentados os enredos, acompanhados do estudo sobre as incursões intertextuais entre as obras, verificando suas aproximações e distanciamentos por meio do cotejo entre os dois romances. A fundamentação teórica que sustenta esta parte se apoia nas pesquisas desenvolvidas por Julia Kristeva, Antoine Compagnon e Tânia Carvalhal.

O estudo do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, de Gilberto de Alencar, tem como fonte a 2ª edição do romance, em acordo com o pressuposto da crítica textual de que a última edição em vida do autor tenha sido revisada por ele. Não sendo possível o mesmo procedimento com o romance **O Ateneu**, optou-se pela 18ª edição, cujo texto integral foi cotejado com a 3ª edição definitiva, adjetivo em acordo com as informações fornecidas pela Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, [19--?], conforme os originais e os desenhos deixados por Raul Pompéia.

A quarta seção amplia os pressupostos que envolvem estudos teóricos da Crítica Genética e arquivos pessoais, delimitando-se ao enfoque da correspondência, uma vez que o manuscrito estudado na presente pesquisa é a carta, juntamente apoiados pelos estudos de Philippe Artières e Mário de Andrade, no que se refere a temas como arquivos, correspondência e sua importância. Também foram valiosas as contribuições de Cecília Almeida Salles, Eliane Vasconcellos, Marcos Antonio de Moraes e Matildes Demétrio dos Santos, bem como de outros autores que serão devidamente citados em cada seção, por subsidiarem o embasamento para o estudo de cartas, trazendo também informações sobre os critérios, as metodologias e os procedimentos práticos aplicados às pesquisas de arquivos literários.

A quinta seção, intitulada “Edição anotada”, apresenta os critérios adotados pela pesquisadora para o estabelecimento do texto, seguida da transcrição efetiva das cartas, das notas explicativas e da descrição física dos manuscritos, segundo os pressupostos teóricos anteriormente elencados.

Nas considerações finais, ressalta-se a importância dos arquivos como um rico material que testemunha a vida do escritor, revelando-o um homem apaixonado pela arte de escrever, de criar personagens e de despertar no leitor o gosto pela leitura. O estudo de parte dessa correspondência consolidou a importância da literatura para o conhecimento da própria cultura mineira, permitindo ao pesquisador fazer inferências sobre o autor, sobre sua obra e sobre uma época.



## 2 MEMÓRIAS SEM MALÍCIA DE GUDESTEU RODOVALHO E O ATENEU

Antecedendo ao estudo dos romances **Memórias sem Malícia de Gudesteu Rodovalho** e **O Ateneu**, são apresentadas informações sobre as biografias dos autores Gilberto de Alencar e Raul Pompéia, com abordagens a respeito de cada escritor, transitando pelas suas produções intelectuais.

### 2.1 GILBERTO DE ALENCAR E SUA PRODUÇÃO INTELECTUAL

Gilberto de Alencar nasceu no arraial do João Gomes, depois Palmira, atual Santos Dumont, MG, a 1º de dezembro de 1886. Seu pai era o médico e escritor cearense, Dr. Fernando de Alencar, primo e afilhado de José de Alencar<sup>1</sup>, e de D. Emília de Alencar, esta de família tradicional do interior mineiro.

Estudou durante poucos anos no Colégio Gonçalves, em Barbacena. Segundo Christo (1994, p. 38), “foi com o pai, Fernando de Alencar, médico e escritor, que aprendeu o francês, a poesia e, de modo geral, a literatura”. Ainda, conforme a autora, as causas que impediram Gilberto de Alencar de estudar em escolas regulares foram as seguintes: o fato de ter morado em diversas cidades mineiras e de dispor de poucos recursos financeiros.

Como autodidata, exerceu as funções de tipógrafo, revisor, redator, cronista e articulista de jornais de Juiz de Fora e de outras localidades; entretanto, seguiu a profissão de jornalismo e a exerceu até a morte, em 4 de fevereiro de 1961.

Conforme Mendes (2010), Gilberto de Alencar escrevia seus textos e os assinava com os pseudônimos: Zangão, G., G. de A., Germano D’Aguilar, João do Carmo e Napoleão. Como colaborador assíduo de jornais de Juiz de Fora, escreveu também quadrinhas satíricas, que eram publicadas nesses periódicos. Colaborou em periódicos de outras localidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São

---

<sup>1</sup> Oscar Mendes Guimarães, ensaísta, crítico literário e jornalista, membro da Academia Mineira de Letras, em artigo publicado no livro **Revendo o passado**: memória juizforana, do escritor Dormivilly Nóbrega (edições Caminho Novo, 1997, p. 99), informa o parentesco entre os Alencares mineiros e José de Alencar (MENDES, 2010).

João del-Rei. Também redigiu textos que foram utilizados nas rádios Difusora e Tiradentes, de Juiz de Fora, e Inconfidência, de Belo Horizonte.

Segundo Christo (1994), Gilberto de Alencar foi um dos fundadores da Academia Mineira de Letras (AML), que, nos anos iniciais, funcionou em Juiz de Fora. Ocupou a Cadeira nº. 21 da associação, cujo patrono era seu pai.

A documentação textual do autor encontra-se em fase de organização no Museu de Arte Murilo Mendes, para elaboração de um inventário, sendo constituída por: correspondência, manuscritos, documentos pessoais, produção intelectual do titular e de terceiros.

A produção literária do autor está contida na série produção intelectual do titular, que é assim constituída:

a) **Prosa rude**, contos, 1ª edição, 1909, impressa nas oficinas da **Gazeta Comercial**, de Juiz de Fora; 2ª edição, 1926, nas Oficinas do jornal **O Pharol**, de Juiz de Fora;

b) **Névoas ao vento**, crônicas, edição única, impressa em 1914, nas oficinas do jornal **Gazeta Comercial**, de Juiz de Fora;

c) **Cidade do sonho e da melancolia**: impressões de Ouro Preto, romance, 1ª edição, de 1926, 2ª, póstuma, de 1971, do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora;

d) **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, romance, 1ª edição, de 1946, financiada pelo próprio autor, foi produzida nas oficinas do jornal **Gazeta Comercial**, de Juiz de Fora. A 2ª, de 1957, pela editora Agir, Rio de Janeiro. A 3ª e a quarta, póstumas, de 1962 e 1970, respectivamente, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte;

e) **Misael e Maria Rita**, romance, 1ª edição, 1953, editora Montanheza, de Juiz de Fora; 2ª edição, póstuma, de 1962, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte;

f) **Tal dia é o batizado**, romance, uma única edição em vida do autor, de 1959. As outras, póstumas, de 1972 e de 1981, todas publicadas pela Itatiaia, de Belo Horizonte;

g) **Reconquista**, romance, edição única, póstuma, de 1961, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte;

h) **O escriba Julião de Azambuja**, romance, edição única, póstuma, de 1962, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte (MENDES, 2010, p. 14-16).

## 2.2 RAUL D'ÁVILA POMPÉIA E SUA PRODUÇÃO INTELECTUAL

Raul D'Ávila Pompéia nasceu em Jacuecanga, município de Angra dos Reis, província do Rio de Janeiro, a 12 de abril de 1863. Era filho do advogado Antônio D'Ávila Pompéia e de Rosa Teixeira Pompéia. Era jornalista, contista, cronista, novelista e romancista. Viveu apenas 32 anos, mas produziu uma obra notável.

Em 1873, transferiu-se, juntamente com a família, para o Rio de Janeiro, sendo matriculado como interno no Colégio Abílio, dirigido pelo Dr. Abílio César Borges, Barão de Macaúbas; entretanto, seus estudos secundários foram completados no Colégio Pedro II.

Em 1880, tem seu primeiro romance publicado, **Uma tragédia no Amazonas**, e, um ano depois, matricula-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, ocasião em que participa também de movimentos abolicionistas e republicanos, ao lado de Luís Gama. Em 1885, transfere-se, com mais de 90 colegas, para a Faculdade de Recife, onde então conclui o curso de Direito. Seu romance **O Ateneu** é publicado, em folhetim, na **Gazeta de Notícias**, em 1888, concomitante à Abolição da escravatura no Brasil.

Foi nomeado professor de Mitologia da Escola Nacional de Belas-Artes e diretor da Biblioteca Nacional. Ao ser demitido do cargo, sob a acusação de desacato ao presidente da República, comete suicídio. Isso ocorreu em 25 de dezembro de 1895, no Rio de Janeiro. Na Academia Brasileira de Letras (ABL), é o patrono da Cadeira nº. 33. A produção literária do autor é constituída por:

- a) **Uma tragédia no Amazonas**, romance, 1880;
- b) **Microscópicos**, contos, publicados no jornal estudantil **A Comédia**, São Paulo, 1881;
- c) **As joias da Coroa**, publicado na **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 1882;
- d) **O Ateneu**, romance, publicado na **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 1888;
- e) **Alma morta**, meditações, publicadas na **Gazeta da Tarde**, em 1888;
- f) **Canções sem metro**, poemas em prosa, publicados no **Jornal do Comércio**, de São Paulo, em 1883, e, postumamente, em 1900.

As obras completas foram publicadas sob a organização de Afrânio Coutinho, incluindo:

- a) **Novelas**, 1981;
- b) **O Ateneu**, 1981;
- c) **Contos**, 1981;
- d) **Canções sem metro**, 1982;
- e) **Escritos políticos**, 1982.

Conforme pode ser observado, Raul Pompéia teve uma vida breve, falecendo ainda muito jovem, aos 32 anos de idade; no entanto, produziu uma obra expressiva, figurando entre os principais escritores brasileiros de sua época. Teve uma vida intensa e, com a sensibilidade de um narrador, escreveu temas que conduzem a uma reflexão sobre os homens e a sociedade do Brasil do século XIX.

### 3 LEITURA EM MOVIMENTO: ENREDOS

Os enredos sobre as histórias de Gudesteu e de Sérgio deixam-se vislumbrar por meio da leitura, em que cada texto foi constituindo-se em uma proposta de significação, construída pelos entrelaçamentos de olhares dos signatários e da pesquisadora.

#### 3.1 GUDESTEU E SUAS MEMÓRIAS

O romance **Memórias sem Malícia de Gudesteu Rodovalho**, de Gilberto de Alencar, foi publicado, pela primeira vez, em 1946. Essa edição esgotou-se rapidamente, porém ficou restrita ao âmbito do estado de Minas Gerais. A segunda edição foi publicada pela editora Agir, do Rio de Janeiro, em 1957, e teve o objetivo de torná-lo conhecido no conjunto dos melhores títulos da Literatura Brasileira. A 4ª edição, publicada pela editora Itatiaia, fortalece o reconhecimento do meio editorial.

O romance, escrito e publicado em sua primeira edição, é estruturado em 103 capítulos, sendo que, destes, 32 são dedicados ao período em que o protagonista Gudesteu esteve interno no Colégio Vasconcelos, cujo diretor era o professor Permínio. O romance foi produzido no contexto da Segunda Guerra Mundial e da implantação do Estado Novo no Brasil, e referendado por críticos como Agrippino Grieco e Rachel de Queiroz, cujas citações encontram-se na quinta seção deste estudo.

A história se desenvolve a partir da vida de Gudesteu Rodovalho e de seus familiares, em sua infância, adolescência e fase adulta, durante o período correspondente ao final do século XIX e a 1ª metade do século XX, no Brasil.

A família de Solidônio Rodovalho e D. Adelaide era composta de cinco filhos: Gudesteu, Jorge, Alzira, Dulce e Uriel, sendo que Dulce e Uriel morreram ainda crianças.

O narrador utiliza-se de linguagem simples para contar a história que se passa em Minas Gerais, em fins do Segundo Reinado. Por meio de sua escrita, consegue retratar os costumes e o cotidiano da vida mineira.

Solidônio Rodovalho, pai de Gudesteu, trabalhava como alfaiate, auxiliado por sua esposa, que se dedicava também aos cuidados com a família. O casal, com grande esforço, conseguiu matricular Gudesteu Rodovalho no colégio interno, em Barbacena: o Colégio Vasconcelos, do professor Permínio Vasconcelos, cuja esposa era D. Mafalda.

Ao pesquisar sobre Gilberto de Alencar, observa-se que há semelhanças entre sua vida e a de Gudesteu, podendo conduzir o leitor a inferências nesse sentido. Essas referências autobiográficas relativas aos períodos de infância e juventude, principalmente, são mencionadas apenas como curiosidade, uma vez que o objeto de estudo desta dissertação não é identificar se a obra é autobiográfica ou não.

Esta percepção é teoricamente referendada pelos estudos de Bosi (1994), que discorre sobre os novos rumos da escrita que foram delineando-se no pós-guerra, podendo-se dividir em duas fases: a primeira, que corresponde ao período de 1930 a 1950, e a segunda, que corresponde ao período posterior a 1950:

Entre 1930 e 1945/50, *grosso modo*, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a *ficção regionalista*, o *ensaísmo social* e o *aprofundamento da lírica moderna* no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza [...]. Afirmando-se lenta, mas seguramente, vinha o *romance introspectivo*, raro em nossas letras desde Machado e Raul Pompéia [...] (BOSI, 1994, p. 386, [grifos do autor]).

Retomando o enredo, no decorrer do romance, Gudesteu demonstra o bom relacionamento que tinha com seu pai e a grande influência materna, quando recorria a promessas feitas em consequência de seus apertos e súplicas.

José de Brito, o Camarão, era o grande amigo e parceiro de Gudesteu, ou melhor, Jacobeu, apelido que recebera assim que chegou ao colégio. Camarão era filho de um comerciante português bem sucedido, residente em Cataguases, MG, e, juntamente com seu amigo, participava de travessuras que lhes renderam diversos castigos. A vida no colégio também marcou o nascimento de grandes amizades entre os colegas e professores, conforme se pode verificar a seguir:

Debruçado à janela eu soluçava para ambos o meu adeus desajeitado.

Camarão ainda gritou:

– Até à volta!

O velho Castro, como se estivesse em aula, ergueu a mão direita, o indicador estendido descreveu duas voltas no ar, apontou depois na minha direção...

Ganhando velocidade, o comboio entrou numa curva, a estação já estava longe, um solavanco arrancou-me violentamente da janela, à qual ainda pude voltar a tempo de ver, num relance, os meus dois maiores amigos, que corriam para a extremidade da plataforma (ALENCAR, 1957, p. 126).

Raramente, a família de Gudesteu o visitava nos fins de semana, quando os encontros eram permitidos, uma vez que dispunham de poucos recursos financeiros para isso. O menino sentia saudades, e as lembranças de casa ocupavam seus pensamentos. Por esta razão, a visita de seu tio Antônio lhe proporcionou muita alegria em um passeio pela cidade de Barbacena, juntamente com Camarão. Os dois amigos divertiram-se muito, comprando balas, doces, passeando pelas ruas e fazendo travessuras, como subir em jabuticabeiras e tocar o sino da igreja, como se fosse anunciar a morte de alguém ilustre.

Com a chegada das férias, Gudesteu foi para casa. Algum tempo depois, seu pai recebe uma carta com a notícia de que o colégio não reabriria no próximo ano. Novamente, a falta de recursos financeiros da família o impediria de continuar os estudos em outro colégio.

Assim, Gudesteu dividia sua rotina entre o sítio do tio Antônio Rodovalho e a leitura, cujo gosto fora despertado no colégio, colocando-o em contato com grandes autores e obras. Era Gudesteu quem conduzia as sessões de leitura do jornal, em frente à farmácia, junto ao vigário, a seu pai e ao boticário, que ficavam a par dos acontecimentos do Brasil e do mundo. A leitura o convidava a escrever, nascendo aí sua vocação para as letras. Gudesteu Rodovalho sonhava com seu futuro; no entanto, a vida na cidade pequena lhe impunha muita limitação em relação às oportunidades.

É justamente nessa época que surgem as serenatas e os primeiros amores de Gudesteu, de forma tímida e amedrontadora, desenvolvendo-se no plano da imaginação. Marta surge como aquela que lhe despertou os sonhos de amor platônico, ilustrado pelo fragmento:

Marta, então, gostava de mim... Sua relutância fôra tôda fingida, fizera-me sofrer à toa, sem nenhum motivo conhecido. E minha timidez não soubera descobrir-lhe a tempo o segrêdo tão bem guardado. [...]  
 Revejo Marta quando quero e até quando não quero, como acima deixei explicado. Quando quero, basta volver o pensamento para Carandaí. Quando não quero, é ela que vem, sem ser chamada, com o seu ar de censura e de arrependimento... (ALENCAR, 1957, p. 171).

O destino conduziu Gudesteu Rodovalho a outros caminhos, quando sua família foi morar em Prados, MG. Ali iniciou um trabalho como tipógrafo e tornou-se jornalista, colaborando no periódico local. Este é o início de sua realização profissional, visto que pretendia ser jornalista no Rio de Janeiro. A vida, entretanto, proporcionou-lhe outra possibilidade por meio de um telegrama-convite de José de Brito, o Camarão, antigo amigo do colégio, para ser seu sócio: “Gudesteu Rodovalho, Prados, Oeste de Minas. Peço vir imediatamente Cataguases, negócio grande importância, tôdas despesas viagem minha conta. Camarão” (ALENCAR, 1957, p. 237). Gudesteu, então, abandona seus sonhos, ou seja, a pretendida carreira de jornalista no Rio de Janeiro, para constituir sociedade com seu amigo Camarão.

Já adulto, Gudesteu visita o professor Castro, outro grande amigo que fizera no colégio. Trata-se de um professor entusiasmado pela língua, pela literatura e que conseguiu transmitir esse entusiasmo a seus alunos, conforme a seguinte passagem: “As aulas que mais me interessavam e prendiam entre tôdas eram as de francês. O professor Castro, Manoel Anselmo de Araujo Azevedo e Castro, [...]” (ALENCAR, 1957, p. 66).

O reencontro de Gudesteu com o velho mestre Manoel Anselmo de Araujo e Castro é narrado pelo protagonista. O narrador utiliza-se da técnica de diálogos, muito empregada ao longo do romance. Nessa passagem, especificamente, a riqueza de detalhes com que todo o cenário é descrito, bem como a forma como a conversa entre Gudesteu e o professor Castro se desenvolve, permitem que o leitor se aproxime mais desses personagens, conforme a seguinte descrição:

Na volta tive que pernoitar em Barbacena e assim que acabei de jantar saí do hotel para fazer uma visita ao professor Castro, projeto que vinha acalentando há muito e agora calhava de ser levado a efeito. Saí do hotel alegre e contente para avistar-me com o velho mestre, de quem nunca me esquecia.



Soubera que havia enviuvado, que vivia parcamente de aulas particulares e que morava numa das ruas que subiam da estação da estrada de ferro para o centro da cidade. [...]

O gradil de madeira, com portão ao centro, protegia pequeno jardim existente diante da casa baixa e muito antiga, de paredes brancas e portais pintados de vermelho escuro. Curvado para uma roseira junto à janela da esquerda, o professor Castro cortava com um canivete os galhos ressequidos e não me viu chegar. Envelhecera muito, tinha a cabeça tôda branca e estava bem mais magro.

– Dá licença, professor!

[...]

– Então o senhor não se lembra mais do seu aluno? Veja lá se me reconhece... Será que mudei tanto assim?

– Tive tantos alunos... Às vêzes é difícil reconhecer. Ainda noutra dia...

– Procure, professor, procure um pouco!

Braços caídos ao longo do corpo magro, o canivete aberto numa das mãos, encarava-me atentamente, num grande esforço inútil para lembrar-se.

– Do Camarão o senhor se lembra, não se lembra?

– José de Brito, como não? Mas você... mas o senhor não é êle, não pode ser!

– Era o companheiro dêle ...

Hesitou ainda um instante, mas logo um sorriso lhe iluminou o rosto descarnado e pálido.

– Rodovalho! Gudesteu Rodovalho! Por que não disse logo?

Caímos nos braços um do outro, senti que os dêle tremiam.

– Rodovalho! Lembro-me sempre do senhor... lembro-me sempre de você!

[...]

Vi que seus olhos se embaciavam, que uma grande alegria lhe inundava o coração.

– Rodovalho! Era o menor da classe e contudo o que mais prestava atenção, o que procurava ler com mais sentimento ... A maioria nunca lê com expressão, não é mesmo? Vamos entrar! (ALENCAR, 1957, p. 251-254).

Gudesteu trabalha com muito ardor, enriquece e casa-se com Abigail, a filha do professor de francês, o mestre Manoel Anselmo de Araujo e Castro. Vêm os filhos, Gastão e Maria do Carmo e, junto com eles, o conflito entre gerações:

Se Abigail ainda me compreende, e nem sempre me compreende, vivo no mais completo desentendimento com os filhos, pois que Gastão e Maria do Carmo, são dois sêres inteiramente diversos do que imaginava, com hábitos e gostos que estão a milhares e milhares de léguas dos meus. A bem dizer, como já contei, quase não os vi passar da infância para a adolescência e desta para a idade madura (ALENCAR, 1957, p. 272).

Durante esse período da história, Gudesteu Rodovalho muda-se para Juiz de Fora, a fim de tomar conta de um escritório da empresa. Nesta passagem, o protagonista descreve lugares da cidade, tais como o Museu Mariano Procópio, o

Parque Halfeld, a rua Halfeld e a galeria Pio X, narrando acontecimentos sobre a juventude dos filhos.

O tempo passa... parentes, amigos e conhecidos vão morrendo. Gudesteu Rodovalho vê, com grande amargura, os sonhos que não foram realizados, pois já se passaram 30 anos. Entre esses sonhos, Gudesteu volta a Carandaí e percebe que tudo mudara. O progresso também chegou até lá. Lembranças de uma época que se foi, dos sonhos de um Gudesteu menino. Nessa volta ao passado, reviu Marta, seu grande amor, agora dona de uma padaria:

- Então a proprietária da padaria foi a moça mais bonita daqui?
- D. Marta? E' o que todos dizem, não é do meu tempo não.
  - Marta! Ela chama-se Marta?
  - D. Marta sim. Olhe, é aquela atrás do balcão, servindo os fregueses. Está vendo? Olhe, agora está falando no telefone. Olhei, vagamente inquieto, na direção indicada.
  - Estou vendo sim. Parece bem velha, bem acabada...
  - Aquilo é desgosto causado pelo ordinário do marido. Desgosto e trabalho, que ela é que vê tudo, fiscaliza os empregados, faz a escrita, paga, recebe, serve no balcão. E' assim o dia inteiro. Levanta de madrugada e só vai deitar sabe Deus que hora! Quando eu sair daqui há de ser com pesar, por causa de d. Marta. Bom coração está ali. O pai era um Amaral, conferente aposentado da estrada de ferro, morreu não faz muito, com mais de oitenta anos.
- Ergui-me do banco, agarrei o braço do homem, que me fitou espantado e curioso.
- Amaral, Inacio Ferreira do Amaral, conferente da estrada de ferro... Então é Marta!
  - Pois se já lhe disse...
  - E' ela! E' Marta! (ALENCAR, 1957, p. 317).

Na obra como um todo, o protagonista revive sua história, evocada com nostalgia de um tempo que se foi. O narrador, por meio do personagem Gudesteu, descreve, de forma sutil, o desvio de uma vocação, o abandono de um ideal, para seguir uma profissão mais sólida, que não deixa possibilidade para o devaneio.

A narrativa flui de modo a comunicar os dias vividos e lembrados com saudade pelo protagonista, que reconstrói momentos da vida interiorana em cidades mineiras, como o cotidiano das cidades e da lida na roça, com uma linguagem muito exata, contada com detalhes. É o que pode ser observado na passagem a seguir, em que o narrador descreve a comida e mostra como eram as refeições dos trabalhadores do sítio de seu tio:

O almoço e o jantar eram trazidos do sítio por um dos camaradas e vinham num grande balaio contendo a panela de feijão, o angu esparramado em largas folhas de bananeira, a abóbora moganga, a couve rasgada, raramente um pedaço de carne de porco fresca ou salgada.

Pôsto no chão o balaio, todos acocoravam-se em volta, enchiam as cuias, tomavam a colher de ferro estanhado e iam sentar-se por ali, nos troncos derrubados, comendo em silêncio. Repetiam uma e duas vêzes, depois iam às bananas ou ao leite com angu. Saciados, arrotavam sonoramente, puxavam da faca, cortavam na palma da mão o fumo de rôlo, alisavam sem pressa a palha de milho, faziam o cigarro e batiam a binga, tirando fogo (ALENCAR, 1957, p. 153).

Ao longo do romance, o leitor é conduzido a refletir sobre indagações e questionamentos que afligem o ser humano e que são apresentados no decorrer da vida de Gudesteu Rodovalho: inicialmente, um menino e, depois, um homem que assiste às mudanças dos tempos. A condução da pesquisa nos leva a pensar: e o menino Sérgio, como manifestou seus pensamentos sobre questionamentos semelhantes ao de Gudesteu?

### 3.2 SÉRGIO E SUAS MEMÓRIAS

A obra **O Ateneu** foi publicada em 1888, em meio ao contexto histórico da Abolição da escravatura no Brasil. A obra é composta de 12 capítulos, narrados em primeira pessoa pelo protagonista-narrador Sérgio. Este relembra a experiência amarga de um adolescente, a convivência com os colegas, os passeios, as excursões e as solenidades, contadas em textos contínuos, com poucos diálogos e ilustrações feitas pelo próprio autor. Estas se referem à vida no colégio interno, cujo diretor era o sr. Aristarco, apresentado como uma pessoa prepotente e vaidosa. O diretor Aristarco representa o educador retrógrado e autoritário, por meio do qual o narrador elabora uma crítica ao ensino da época, à hierarquia rígida dentro da escola e aos métodos rígidos e cruéis de disciplina e controle, como o uso da palmatória e dos castigos:

Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras.

No âmago de cada sorriso, morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseadas na razão discreta das notas do guarda-livros. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado (POMPÉIA, 1998, p. 27).

O livro de Raul Pompéia mostra um jovem de personalidade sensível que critica a educação deformadora praticada na época, narrando sua experiência de adolescente em um colégio interno.

Na escola, são reproduzidos, conforme a transcrição apresentada, os interesses econômicos que norteiam a vida em sociedade, tanto da direção, representada pelo Dr. Aristarco, quanto dos alunos, cujas atividades estão sempre envolvidas em uma rede de interesses. O prestígio e a riqueza aparecem em situações que evidenciam as relações de poder.

Segundo Bosi (1994, p. 184):

Raul Pompéia era artista, e artista cômico do seu ofício de plasmador de signos. Ficasse a sua obra no plano projetivo das angústias e no seu desafogo, por certo não teria ultrapassado o limiar da literatura de confiança e evasão que marcou quase toda a prosa romântica. Mas ela vai além da projeção: tematiza os escuros desvãos da memória em torno de ambientes, cenas, personagens, e molda as estruturas obtidas no nível da palavra descritiva, narrativa, dialogada. A distância que vai da vida à arte é palmilhada pelo estilista que formou seus ideais artísticos à sombra de Flaubert, dos Goncourt e dos parnasianos.

**O Ateneu**, conseqüentemente, é uma recriação ficcional do colégio interno, assim como a recriação do colégio frequentado por Gudesteu Rodovalho no romance de Gilberto de Alencar. Apoiado na memória, Sérgio reconstrói sua vida entre as paredes do internato. O romance é considerado pela crítica como introspectivo, apresentando uma análise psicológica do protagonista Sérgio, que não se adaptava à escola, face ao ambiente agressivo da mesma. São dois tempos presentes no romance: o tempo da ação e o tempo em que se conta a história, bem depois.

De acordo com Zenir Campos Reis, da Universidade de São Paulo (USP), que escreve o prefácio da 18ª edição da obra **O Ateneu**, Ema, a esposa do diretor, é

um personagem que pode ser visto sob dois aspectos: a mãe, com a qual Sérgio identifica a imagem de sua genitora, com o seu carinho, sua compreensão e ternura; e a mulher, que remete à sedução.

Surpreendendo-nos com esta frase, untuosamente escoada por um sorriso, chegou a senhora do diretor, D. Ema. Bela mulher em plena prosperidade dos *trinta anos de Balzac*, formas alongadas por graciosa magreza, erigindo, porém, o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas, de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também a cor do jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. [...] e o cetim vivia com ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhou-me. [...] A senhora colhi-me o cabelo nos dedos: – Corte e ofereça à mamãe, aconselhou com uma carícia; é a infância que ali fica, nos cabelos louros... Depois, os filhos nada mais têm para as mães. O poemeto de amor materno deliciou-me como uma divina música. Olhei furtivamente para a senhora. Ela conservava sobre mim as grandes pupilas negras, lúcidas, numa expressão de infinda bondade! Que boa mãe para os meninos, pensava eu (POMPÉIA, 1998, p. 24).

A visão de Zenir foi atestada pelo fragmento acima. Apesar de, até o momento da pesquisa, termos construído algumas incursões intertextuais, cabe agora, adentrarmos um pouco pela fundamentação teórica sobre este estudo e apontarmos outros exemplos, buscando confirmar ou, não, o diálogo que foi percebido por alguns correspondentes.

### 3.3 DIÁLOGO INTERTEXTUAL: TEORIA E PRÁTICA

A partir da abordagem teórica sobre o conceito de intertextualidade, buscou-se construir o processo de leitura dos romances **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** e **O Ateneu**, apresentando incursões pelo diálogo intertextual entre as duas obras.

### 3.3.1 Teoria e conceituação

A etimologia da palavra “intertextualidade” infere o sentido de ser a criação de um texto a partir de outro texto. Intertextualidade, todavia, pode acontecer não só em textos literários, mas também na pintura, na escultura, na ciência, enfim, pode ocorrer em diversas áreas do conhecimento.

Na literatura, pode-se considerar a intertextualidade como a influência de um texto sobre outro ou uma interação entre textos. Ainda, pode-se afirmar que o diálogo entre textos e a citação de um texto por outro traduzem-se também em intertextualidade.

Julia Kristeva (1969) foi responsável pela sistematização dos estudos de Mikhail Bakhtin e do termo “intertextualidade”, significando a presença de vários textos literários em um texto, que com eles dialoga, retomando-os ou contestando-os.

Segundo Antoine Compagnon (1999), foi Julia Kristeva<sup>2</sup> que introduziu o termo “intertextualidade”, em 1966: “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto”. O autor afirma:

O termo *intertexto* ou *intertextualidade* foi composto [...] para relatar os trabalhos do crítico russo Mikhaïl Bakhtine [*sic*] e deslocar a tônica da teoria literária para a produtividade do texto, até então apreendido de maneira estática pelo formalismo francês (COMPAGNON, 1999, p. 111, [grifos do autor]).

Conforme Compagnon (1999), Bakhtine<sup>3</sup> [*sic*], ao utilizar o termo “dialogismo”, que designa o diálogo entre os textos, introduz a ideia de uma multiplicidade de discursos trazida pelas palavras. O texto novo é construído a partir de textos anteriores. Compagnon<sup>4</sup>, em 1979, em seus estudos sobre a citação, afirma que toda escritura é uma reescritura:

<sup>2</sup> KRISTEVA, Julia. **Sèméiôtikè: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Seuil, 1969. p. 146. (Reedição Col. Points).

<sup>3</sup> BAKHTINE [*sic*], Mikhaïl. **La poétique de Dostoïevski (1929, 1963)**. Paris: Seuil, 1970.

<sup>4</sup> COMPAGNON, Antoine. **La seconde main ou le travail de la citation**. Paris: Seuil, 1979.

O trabalho da escrita é uma reescrita já que se trata de converter elementos separados e descontínuos em um todo contínuo e coerente [...]. Reescrever, reproduzir um texto a partir de suas iscas, é organizá-las ou associá-las, fazer as ligações ou as transições que se impõem entre os elementos postos em presença um do outro: toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário (COMPAGNON, 1996, p. 29).

Pode-se inferir que a intertextualidade é a presença efetiva de um texto em outro texto. É apresentada como a copresença entre dois ou vários textos, que pode se manifestar por meio de citação, alusão, paráfrase, paródia e apropriação.

A identificação dessas relações depende da forma como se apresentam no texto e da cultura literária do leitor. É como se um texto estivesse no subtexto de outro texto. A intertextualidade não está ligada ao texto em si, mas está fundamentada no modo pelo qual o texto é percebido e pela forma que o texto é relacionado a outro texto. O texto, ao ser acolhido e interpretado pelo leitor, é recriado em uma leitura subjetiva.

O reconhecimento pelo leitor da existência de relações intertextuais está diretamente ligado a seu conhecimento prévio sobre as obras literárias, sua cultura, sua vivência, experiência e memória. Dentro dessa perspectiva, não há como prever quais e quantas leituras poderão ser construídas a partir de um único texto.

Pode-se inferir que apenas uma alusão seja suficiente para trazer outro sentido a um texto estudado. Uma representação, uma história e uma ideologia, por exemplo, podem remeter ao texto de origem sem que o mesmo tenha sido citado.

Segundo Carvalho (2006, p. 54), “A noção de intertextualidade abre um campo novo e sugere modos de atuação diferentes ao comparativista”, ou seja, indica novas possibilidades a partir do cotejo das obras em estudo que pode apontar possíveis jogos intertextuais.

### **3.3.2 Incursões intertextuais entre as obras**

E as reminiscências do colégio em Barbacena são tão vivas e intensas que não podemos deixar de encontrar nelas o sabor da realidade, mas estilizada pela arte. E repassadas mais de saudade (e este seu livro é, sim, uma “crônica de saudades”) do que de amargor, como acontece

nas memórias juvenis de Raul Pompéia, em *O Ateneu*. Aliás o autor mantém-se sempre alerta a uma possível assimilação com a obra de seu famoso antecessor.  
Oscar Mendes

Primeiramente, esse diálogo é identificado por meio do relato do personagem Gudesteu Rodovalho, sobre o tempo em que viveu no internato, em Barbacena, em que o narrador afirma: “Não, meu pai não me preveniu, como no ‘Atheneu’, que eu ia encontrar o mundo, nem me recomendou coragem para a luta” (ALENCAR, 1957, p. 35). Apesar disso, a chegada do protagonista Gudesteu e de seu pai ao colégio é narrada de forma acolhedora, pois o diretor os recebe de maneira muito amistosa:

- Gudesteu. O nome dêle é Gudesteu.
- Ah! sim. Desculpe-me. Tinha idéia de que era qualquer coisa em “eu”, mas são tantos nomes, que a gente acaba confundindo. Gudesteu não temos aqui nenhum. Mas queiram sentar-se. Chegue-se para aqui, Gudesteu.  
Sentei-me numa cadeira perto dêle.
- Sou o diretor do colégio e espero que acabemos muito amigos (ALENCAR, 1957, p. 36).

E o romance **O Ateneu** inicia-se com as palavras do pai de Sérgio, o protagonista, à porta do colégio: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta” (POMPÉIA, 1998, p. 13). O narrador deixa evidente a grande batalha que será travada no colégio, ao utilizar a escola para representar parte da sociedade e do mundo. Dessa forma, por intermédio dos personagens, recriará pessoas reais, destacando suas hipocrisias, erros, ambições e sentimentos. Percebe-se que, na chegada de Sérgio, são ressaltadas as intenções do diretor, envoltas em um tom de ironia, tendo em vista as impressões emitidas pelo protagonista ao descrevê-lo:

O diretor recebeu-nos em sua residência, com manifestações ultra de afeto. Fez-se cativante, paternal; abriu-nos amostras dos melhores padrões do seu espírito, evidenciou as faturas do seu coração. O gênero era bom sem dúvida nenhuma; que apesar do paletó de seda e do calçado raso com que se nos apresentava, apesar da bondosa familiaridade com que declinava até nós, nem um segundo o destituí da altitude de divinização em que o meu critério embasbacado o aceitara (POMPÉIA, 1998, p. 23).



A descrição do colégio é apresentada em ambos os romances. Em **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, a descrição do colégio Permínio Vasconcelos é construída de forma tal que remete o leitor a um estabelecimento simples, se comparado ao colégio Ateneu:

Mostrando-me, à esquerda, um sobrado com seis janelas em cima, e cinco em baixo e uma porta ao canto, o alfaiate disse-me simplesmente:

– E' aqui o colégio.

[...]

Enquanto os dois conversavam, pus-me a observar a sala. Era vasta, com três amplas janelas para a rua. Do centro do alto teto pendia uma corrente de ferro a que estava prêso um grande lampião belga. Nas paredes, forradas de papel verde-claro, enguirlandado de rosas vermelhas, viam-se várias estampas e um grande retrato a óleo de d. Pedro II. Também havia fotografias encaixilhadas, entre elas uma do diretor e outra dos alunos formados na pequena praça, em frente à igreja. Nesta outra liam-se, em manuscrito, os seguintes dizeres: “Colégio Vasconcelos, do professor Permínio Vasconcelos. Internato, semi-internato e externato” (ALENCAR, 1957, p. 36-37).

O narrador, Sérgio, descreve o colégio Ateneu como um estabelecimento imponente e suntuoso, já com luz elétrica naquela época:

O *Ateneu*, quarenta janelas, resplendentes do gás interior, dava-se ares de encantamento com a iluminação de fora. Ergia-se na escuridão da noite, como imensa muralha de coral flamante, como cenário animado de safira com horripilações errantes de sombra, como um castelo fantasma batido de luar verde emprestado à selva intensa dos romances cavalheirescos, despertado um momento da legenda morta para uma entrevista de espectros e recordações. Um jacto de luz elétrica, derivado de foco invisível, feria a inscrição dourada ATHENEUM<sup>5</sup> em arco sobre as janelas centrais, no alto do prédio (POMPÉIA, 1998, p. 21-22).

Embora a epígrafe evidencie um diálogo intertextual entre as obras, essa relação manifesta-se, também, com diferenças de postura diante da vida: Gudesteu constrói “saudades” de um passado, enquanto Sérgio cultiva “mágoas e incompreensões”.

Gudesteu relembra momentos felizes quando, juntamente com Camarão, saborearam jabuticabas em um quintal, em Barbacena, durante um passeio com o

---

<sup>5</sup> A palavra ATHENEUM, na obra pesquisada, aparece destacada e em forma de arco.

tio Antônio: “Num ápice alcançamos os galhos mais elevados da nossa jabuticabeira... Estou agora vendo, porém, que o domingo memorável não cabe todo num capítulo apenas. Fique então o resto para o seguinte” (ALENCAR, 1957, p. 99).

É interessante citar como Gudesteu narra um sentimento de amizade entre os colegas com a proximidade das férias:

A proximidade das férias modificava, cada dia mais, a vida do colégio. Andava no ar um misto de alegria e tristeza, conversava-se muito pelos cantos a respeito do regresso de cada um para casa, da ventura de rever os pais e os irmãos e também da saudade que a separação iminente já parecia ir despertando no íntimo de alguns. Os mais amigos confiavam uns aos outros os projetos que guardavam em mente, faziam convites mútuos para visitas e passeios (ALENCAR, 1957, p. 116).

Sérgio, diferentemente, relembra situações com incompreensão:

Onde meter a máquina dos meus ideais naquele mundo de brutalidade, que me intimidava com os obscuros detalhes e as respectivas informes, escapando à investigação da minha experiência? Qual o meu destino, naquela sociedade que o Rebelo descrevera horrorizado, com as meias frases de mistério, suscitando temores indefinidos, recomendando energia, como se coleguismo fosse hostilidade? (POMPÉIA, 1998, p. 36).

Sérgio recorda um momento desagradável em que foi interrogado por um professor:

Entretinha-me a espiar os companheiros, quando o professor pronunciou o meu nome. Fiquei tão pálido que Mânlio sorriu e perguntou-me, brando, se queria ir à pedra. [...] Cambaleei até a pedra. O professor interrogou-me; não sei se respondi. Apossou-se-me do espírito um pavor estranho. Acovardou-me o terror supremo das exibições, imaginando em roda a ironia má de todos aqueles rostos desconhecidos (POMPÉIA, 1998, p. 30-31).

Ao longo do romance, Gudesteu Rodovalho refere-se aos pais com muito carinho, quando menciona a despedida ao chegar ao colégio, os presentes que

recebia enquanto interno, o retorno à casa e o auxílio que prestava à família na fase adulta:

[...] quando o diretor entrou no pátio, à minha procura. Que seria? Nada. Vinha só comunicar-me que meu pai não se sentira com muita coragem para despedir-se de mim e embarcara com destino a Carandaí sem querer ver-me. Meu coração ficou pequenino, as lágrimas subiram-me aos olhos, [...] (ALENCAR, 1957, p. 42).

Meu pai mandou-me um sobretudo bem talhado, de bom pano grosso, que me ia muito bem no corpo e aquecia bastante. [...] Também me deu prestígio um imenso pão de ló que minha mãe me enviou pelo mesmo portador do sobretudo (ALENCAR, 1957, p. 64).

Ao chegar à porta depusitei na calçada o baú e ia atirar-me pelo corredor a dentro, quando não sei que força interior paralisou-me o arremesso, como se estivesse a pique de praticar uma inconveniência. Menos de um ano de separação bastara para fazer de mim um estranho. E foi na verdade como um estranho que bati palmas à entrada de minha casa.

Jorge, correndo, veio ver quem era.

– Gude! E' o Gude!

Ficou olhando para mim, todo risonho e espantado.

– Mamãe! Papai! O Gude chegou!

Minha mãe foi a primeira a vir à porta e eu tombei-lhe nos braços, enquanto Jorge apanhava o baú na calçada.

Meu pai exclamou:

– Que menino mais bôbo! Batendo palmas aqui em casa, se havia de ir entrando! Ninguém esperava que você viesse hoje. Só amanhã.

E abraçou-me com tôda a força (ALENCAR, 1957, p. 130-131).

Certo, desde que comecei a prosperar, jamais deixei de enviar a meu pai, todos os meses, regularmente, uma parte apreciável do que me sobrava, o que às vezes me valia censuras amigas do alfaiate, em longas cartas carinhosas. “Não quero que você faça nenhum sacrifício por mim, pois agora vivo bem mais folgado do que antigamente. [...]” (ALENCAR, 1957, p. 266).

Já Sérgio, ao se referir aos pais, por vezes, demonstra um certo distanciamento ao mencionar a sua ida para o colégio interno, a viagem do pai por interesses pessoais acompanhado da mãe:

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti (POMPÉIA, 1998, p. 14).

Logo depois da festa de educação física, que foi alguns dias depois da grande solenidade dos prêmios, eu adoecera. Sarampos, sem mais nem menos. Por motivo dos seus padecimentos, meu pai seguira para a Europa, levando a família. Eu ficara no *Ateneu*, confiado ao diretor, como a um correspondente (POMPÉIA, 1998, p. 159).

Absorvendo-me na contemplação da manhã, penetrado de ternura, inclinei a cabeça para o ombro de Ema, como um filho, entrecerrando os cílios, vendo o campo, os tetos vermelhos como coisas sonhadas em afastamento infinito, através de um tecido vibrante de luz e ouro.

Desde essa ocasião, fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora. Não! Eu não amara nunca assim a minha mãe. Ela andava agora em viagem por países remotos, como se não vivesse mais para mim. Eu não sentia a falta. Não pensava nela... (POMPÉIA, 1998, p. 161).

Quando Gudesteu Rodovalho narra o episódio dos pêssegos furtados, refere-se ao abraço maternal de D. Mafalda, a mulher do diretor, que o acalenta em seu colo perfumado, com revelada ingenuidade de menino, sem abordar aspectos sexuais, como se pode verificar a seguir:

Foi quando achei que devia retribuir o presente com uns pêssegos muito bonitos que vira num prato em cima da mesa da sala de jantar. Olhei com cuidado pela porta entreaberta, vi que não havia ninguém e entrei resolutamente.

Já havia enchido os bolsos de pêssegos e ia voltar para o quarto, a fim de jogá-los aos amigos pela janela, quando alguém bem perto de mim exclamou:

– Aí, heim!

Era d. Mafalda, que eu não tinha visto entrar na sala.

– Sim senhor!

Corrido de vergonha, sem coragem de erguer a cabeça, fiquei olhando para o assoalho, calado, percebendo que uma onda de sangue me subia ao rosto. Ela estendeu o braço roliço e branco, mal velado pela manga transparente da leve blusa de cassa, e sua mão suave pousou sobre a minha fronte, numa carícia que fazia esquecer a irritação que tentava pôr na voz (ALENCAR, 1957, p. 62).

Sérgio, ao se referir a um sonho com D. Ema, esposa de Aristarco, o diretor do Ateneu, faz isso de maneira diferente, narrando seus contatos com amor ardente, encantado pela sua beleza, porém inatingível:

Quando no dia do jantar subi para o dormitório com o Egbert, dançava-me no espírito, reduzida a miniatura, a imagem de Ema (era agradável suprimir o D.), pequenina como uma abelha de ouro, vibrante e incerta.

Sonhei: ela sentada na cama, eu no verniz do chão, de joelhos. Mostrava-me a mão, recortada em puro jaspe, unhas de rosa, como pétalas incrustadas. Eu fazia esforços para colher a mão e beijar, a mão fugia; chegava-se um pouco, escapava para mais alto; baixava de novo, fugia mais longe ainda, para o teto, para o céu, e eu a via inatingível na altura, clara, aberta como um astro.

Ela ria do meu desespero, mostrava-me o pé descalço, que a calçasse; não permitia mais. Calçar-lhe apenas o arminho que ali estava, o pequeno sapato, branco, exânime, voltando a sola, sem o conforto cálido do pé que o pisava, que o vivificava. Eu me inclinava, invejoso do arminho, sobre o crivo de seda da meia, milagre de indústria para o qual concorrera cada dia do século industrial com um esforço, tecido impalpável, de fibras vivas, filtrando a transparência branda do sangue, invólucro sutil de um mimo de joelho, de perna, de tornozelo, irremediavelmente desfalcado do espólio glorioso da estatuária pagã. Calçá-la apenas! Mas eu a fazia torcer-se, calçando-a, de dores numa tortura ardente de beijos, exalando eu próprio a alma toda em chama (POMPÉIA, 1998, p. 138).

Em ambos os romances, são narrados assassinatos motivados por desentendimentos de ordem diversa, enfocando a questão da violência. No romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, um português, dono de uma padaria que fornecia pão para o colégio, foi assassinado por um empregado, entregador de pães:

Permínio Vasconcelos saiu em busca de informações e quando voltou, logo após, deu ordem para suspender tôdas as aulas, que não era possível ninguém estudar no meio daquele alvoroço. Contou que o padeiro havia sido assassinado com diversas facadas pelo italiano entregador, depois de discutirem sôbre um ajuste de contas, [...] (ALENCAR, 1957, p. 55).

No romance **O Ateneu**, é narrado o assassinato de um criado da casa do diretor por um dos jardineiros do colégio, em razão da disputa da primazia no coração de Ângela, que trabalhava na casa do diretor:

De repente vimos assomar à porta, que dominava o pátio sobre a escada de cantaria, um homem coberto de sangue. Um grito de horror escapou a todos. O homem precipitou-se em dois pulos para o recreio. Trazia um ferro na mão gotejando vermelho, uma faca de lâmina estreita ou um punhal. "Matou! Matou!" gritavam da copa; "Pega o assassino!" (POMPÉIA, 1998, p. 72).

Em ambos os romances, os protagonistas receberam castigos, ao longo do período em que viveram como internos; contudo, em **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, os castigos são mais brandos:

O castigo para determinadas faltas, no Colégio Vasconcelos, era copiar a “Última corrida de touros em Salvaterra”, de Luiz Augusto Rebelo da Silva, a narrativa mais extensa da antologia adotada, dez ou doze páginas em tipo pequenino. Variava de acôrdo com a gravidade da culpa o número de cópias (ALENCAR, 1957, p. 85).

Já em **O Ateneu**, são mencionados castigos brandos e severos:

De noite, novamente ao lado do Franco, a fatigar-me na tarefa das páginas, tive que ficar até tarde numa das salas do primeiro andar. Pelas dez e meia, o diretor, antes de sair para casa, veio ver-nos. “Ainda escrevem... estes peraltas?...” disse-nos de enorme altura, à guisa de boas-noites, [...] (POMPÉIA, 1998, p. 64).

O narrador descreve como uma prisão o local para onde eram levados os alunos que sofriam castigos mais severos, exemplificado no fragmento de texto abaixo, em que um aluno veio a falecer em decorrência de uma doença adquirida nesse cárcere:

Andava adoentado desde a última vez que fora à prisão. Embaixo da casa. Fazia-se entrada pelo saguão cimentado dos lavatórios; sentia-se uma impressão de escuro absoluto; para os lados, a distância, brilhavam vivamente, como olhos brancos, alguns respiradouros gradeados daquela espécie de imensa adega. O chão era de terra batida, mal enxuta. Impressionava logo um cheiro úmido de cogumelos pisados. [...] Dentro da gaiola um banco e uma tábua pregada, por mesa. Sobre a mesa um tinteiro de barro. Era a cafua. Engaiolava-se o condenado na amável companhia dos remorsos e da execração; ainda em cima, uma tarefa de páginas, para a qual o mais difícil era arranjar luz bastante. [...] À soltura surgia o preso, pálido como um redivivo, espantado do ar claro como de uma coisa incrível. Alguns achavam meio de voltar verdadeiramente abatidos. Franco saiu doente (POMPÉIA, 1998, p. 146).

Observa-se que, tanto em **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, como em **O Ateneu** são apresentadas questões referentes ao tratamento diferenciado dirigido a parentes influentes, evidenciando a força que a política exerce sobre as pessoas:

Mas não era apenas o sobrinho ou primo de Saldanha da Gama que gozava de situação privilegiada na casa.

Havia um outro aluno a que também adulavam muito, embora não tivesse ares tão impertinentes. Explicou-me Espiridião igualmente o caso d'ê. Era um protegido de Floriano Peixoto. O marechal, que passara uns tempos na cidade, fizera relações com a família do menino e recomendara êste ao diretor, numa carta do próprio punho. Eu podia não saber direito o que fôsem formas de govêrno, mas era dono já de um tal ou qual conhecimento a respeito dos homens importantes e da fôrça de que dispõem. E concluí de mim para mim, que Permínio Vasconcelos, monarquista ou não, era sensível a essa fôrça, como qualquer mortal, proprietário de colégio, proprietário disto ou daquilo e mesmo proprietário de coisa nenhuma (ALENCAR, 1957, p. 49).

E ainda:

Ao redor de Aristarco, ajudantes-de-ordens, apressavam-se os membros de uma comissão de recepção, composta de professores de bela presença, e alunos em condições semelhantes. Realizavam com o diretor um cerimonial interessante de hospitalidade. Na entrada do anfiteatro comprimia-se a multidão, dos convidados. Aristarco e os ajudantes espriavam, farejavam, descobriam os pais, as famílias dos de mais elevada posição social, que pescavam para o ingresso preterindo os mais próximos. Os escolhidos eram levados para as arquibancadas de cadeiras. Se encontravam nos lugares especiais quem para lá não houvessem conduzido, convidavam delicadamente a levantar-se; que a família do Visconde de Três Estrelas não podia ir para as tábuas nuas. [...] Aristarco aproveitava também para desforrar-se dos pagadores morosos da escrituração (POMPÉIA, 1998, p. 151).

Quanto aos passeios externos, os alunos criavam grandes expectativas para sua realização em **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodvalho**. Como exemplo, é narrado um passeio à cachoeira, que se traduzia em uma verdadeira festa:

Aí por fins de junho, passados os grandes frios, já não uivando mais ou não uivando tanto o vento pelo telhado, Permínio Vasconcelos mandou Espiridião anunciar aos alunos que os banhos na cachoeira, aos sábados, iriam recomeçar. Encheu-me a notícia de alvôço, aguçando-me a curiosidade por essa cachoeira, de que tantas vêzes tinha ouvido falar, desde que chegara (ALENCAR, 1957, p. 69).

Em **O Ateneu**, há referências raras aos passeios com expectativas de entusiasmo, conforme:

Havia a escassa compensação dos passeios. Uniformizava-se de branco o colégio como para as festas de ginástica, com os gorros de cadarço e saíamos a dois, a quatro de fundo, tambores, clarins à frente. No ano anterior, os passeios tinham sido insignificantes, marchas alegres pelo arrabalde. [...] Os nossos passeios foram mais consideráveis. Primeiro ao Corcovado, assalto ao gigante, hoje domado pela vulgaridade da linha férrea (POMPÉIA, 1998, p. 112-113).

Nas duas obras sob análise, os autores apresentam ponderações sobre a vida e as relações sociais. Em **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodvalho**, por meio do fragmento de texto abaixo, enfatiza-se a intenção do autor em conduzir o leitor a certas reflexões:

Sou de opinião que nada é capaz de humilhar tanto uma criança como usar botinas velhas ou rôtas na presença de outras crianças bem calçadas. Um par de botinas acalcanhadas constitui, muitas vezes, todo um drama silencioso de sofrimento, suscetível de geral revoltas terríveis na alma dos meninos pobres. Mais suportável é a fome, não corta o frio tão fundo. Geralmente o indivíduo que sai a perguntar de porta em porta se não há na casa uns sapatos fora de moda, que lhe queiram dar de esmola, inspira menos piedade do que aquele que pede os restos do jantar ou um pedaço de pão. Demonstra o fato que nem sempre andam de companhia os corações bem formados e os raciocínios justos (ALENCAR, 1957, p. 89).

Em **O Ateneu**, também estão presentes, em praticamente toda a narrativa, passagens que conduzem o leitor a reflexões, entre as quais foi selecionada a citação a seguir, por sintetizar a ideia de que se trata de um romance que apresenta valores sociais, além daqueles observados na estrutura de um colégio interno. O episódio refere-se a um dos discursos do Dr. Cláudio, presidente efetivo do Grêmio:

Discutiu a questão do internato. Divergia do parecer vulgar, que o condena. É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, a injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrejam as linhas sinuosas da indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo,



oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? A reclusão exacerba as tendências ingênicas?

Tanto melhor: é a escola da sociedade.

[...]

E não se diga que é um viveiro de maus germens, seminário nefasto de maus princípios, que hão de arborescer depois. Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja, vai de fora. Os caracteres que ali triunfam, trazem ao entrar o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação (POMPÉIA, 1998, p. 144-145).

Nos dois romances, ocorre um incêndio. Em **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, o incêndio acontece no dia de S. Bartolomeu, 24 de agosto, considerado por muitos, àquela época, como um dia de mau agouro, razão pela qual, por intervenção de D. Mafalda, esposa do diretor, um passeio à cachoeira fora cancelado, pois seria mais prudente que os alunos permanecessem dentro da escola.

O incêndio é narrado como decorrente de brincadeiras com fogos de artifício, sem intenções escusas. Não deixou prejuízos maiores e foi contido graças aos alunos mais corajosos que afrontaram as chamas e penetraram no barracão com latas e baldes de água, conforme o seguinte fragmento:

Estourou a bomba dentro dêle com um estampido mais forte do que os outros, mas ninguém deu atenção ao fato.

[...] Ouviu-se de repente um grito mais agudo entre a algazarra. – Pegou fogo no barracão!

[...]

Com uns poucos baldes de água, que passavam de mão em mão e eram atirados ao brasido, todo o perigo desapareceu. Do barracão restavam agora apenas alguns tições fumegantes, travesseiros e colchões meio carbonizados e as fôlhas de zinco amolgadas e enegrecidas (ALENCAR, 1957, p. 108-109).

Já em **O Ateneu**, o incêndio alastra-se rapidamente, provocando desabamentos, tomando uma proporção gigantesca. Ocorreu em um período de férias do colégio, época em que a maior parte dos criados encontrava-se ausente, o que dificultou a contenção do fogo:

[...] a violência das chamas chegou ao auge. Do interior do prédio, como das entranhas de um animal que morre, exalava-se um rugido surdo e vasto. Pelas janelas, sem batentes, sem bandeira, sem vidraça, estaladas, carbonizadas, via-se arder o teto; desmembrava-se o telhado, furando-se bocas hiantes para a noite. Os barrotes, acima de invisíveis braseiros, como animados pela dor, recurvavam crispações terríveis, precipitando-se no sumidouro. [...]

Informaram-me de coisas extraordinárias. O incêndio fora propositalmente lançado pelo Américo, que para isso rompera o encanamento do gás no saguão das bacias. Desaparecera depois do atentado (POMPÉIA, 1998, p. 166-167).

Pode-se inferir que a destruição do Ateneu pelo fogo representa o findar dessa história, que trouxe ao leitor as inquietações de um jovem diante das experiências vividas, talvez com predominância dos aspectos negativos. As lembranças, as relações ali construídas também ardem em chamas.

Não é apenas um colégio queimando, mas o final da crônica das saudades, traduzido pelo autor quando escreve: “Aqui suspendo a crônica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo – o funeral para sempre das horas” (POMPÉIA, 1998, p. 168).

Por último, cabe uma observação e não uma profunda investigação, sobre os títulos dos dois romances: **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** sugere um livro de memórias romanceadas de saudades, em que o narrador deixa transparecer o espírito de aventura e de curiosidade do menino Gudesteu, que recria as realidades cotidianas de um homem que soube transpor sofrimentos, sem perder a crença na vida. Isso pode explicar e justificar a ideia inferida pelo termo “sem malícia”, ou seja, sem os sofrimentos traumáticos vivenciados pelo menino Sérgio no colégio do Diretor Aristarco, objeto de comparação deste estudo.

O título da obra e nome do colégio – **O Ateneu** – ganha a dimensão de um outro personagem, talvez o estabelecimento de ensino seja o grande personagem, como se o próprio colégio tivesse vida, ganhasse corpo e alma, dada a importância que compete à narrativa, observação que vem ao encontro da agudeza de Mário de Andrade (2002, p. 201), quando afirma que “Raul Pompéia, com rara habilidade, consegue fazer do Ateneu o personagem principal do seu romance”.

Após a apresentação dos dois autores e das respectivas obras, procurou-se, a partir do cotejo de ambas, mostrar como cada escritor, ao seu modo, construiu sua narrativa. Foi possível, portanto, confirmar as indicações das missivas que apontam

para o diálogo intertextual entre os romances, o qual foi apresentado nesta seção da pesquisa.

#### 4 A CRÍTICA GENÉTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A memória, concebida como o resgate que se faz de um tempo passado por meio de documentos e testemunhos, propicia novas possibilidades de pesquisas também na literatura. Documentos que compõem o legado de diversos escritores, sobretudo cartas, livros e manuscritos, ampliam a concepção de literatura para além do texto escrito. Neste caso, a correspondência é entendida como uma fonte de pesquisa que, ao ser consultada, fornece informações que vêm complementar e contextualizar os estudos desenvolvidos nesta área.

A metodologia aplicada, também, nesta parte da dissertação é bibliográfica e exploratória, situando-se, neste momento, no estudo da correspondência. O gênero epistolar, um dos caminhos permitidos pela Crítica genética, é de grande importância para o objeto de estudo aqui delimitado.

Conforme Souza (2009), a Crítica Genética surge em 1968, na França, quando Louis Hay<sup>6</sup> coordenou uma equipe de pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), em Paris, para organizar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine que foram doados à Biblioteca Nacional Francesa. A equipe, posteriormente, associou-se a diversos grupos que se interessaram por manuscritos de autores como Proust, Zola, Flaubert, entre outros.

Ainda, segundo o autor, no Brasil, os estudos de Crítica Genética foram introduzidos em 1985, em São Paulo, no I Colóquio de Crítica Textual, organizado pela Universidade de São Paulo, sob a coordenação professor Philippe Willemart. Nesse colóquio, é instituída a Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, que criou a revista **Manuscritica** (1990), uma publicação que se dedica a divulgar estudos sobre a Crítica Genética.

Segundo Salles (2008, p. 28), o crítico genético, ao pesquisar uma obra, tem a função de reintegrar os documentos, trazendo-os para o fluxo da vida:

Ele reintegra os documentos preservados e conservados – um objeto, aparentemente, parado no tempo – no fluxo da vida. Ele tem, na verdade, a função de devolver à vida a documentação, na medida em que essa sai dos arquivos ou das gavetas e retorna à vida ativa como processo: um

---

<sup>6</sup> Louis Hay é fundador do Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (ITEM), na França.

pensamento em evolução, ideias crescendo em formas que vão se aperfeiçoando, um artista em ação, uma criação em processo.

A pesquisa baseada na Crítica Genética tem como fim o processo e não o produto acabado. A obra pronta é parte do caminho percorrido pelo autor, já que o pesquisador encontra-se diante de limites daquilo que foi preservado e registrado, tendo em vista a complexidade do processo. Cumpre assinalar que nem todos os documentos utilizados pelo autor podem ser esclarecedores quanto ao processo de criação de uma determinada obra. Pode-se não ter registrado e armazenado todas as informações das quais o escritor fez uso ao longo do processo criativo, como aconteceu neste objeto pesquisado: o lote de cartas estudado não apresentou a criação em processo, entretanto apontou para o diálogo entre **O Ateneu e Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** consideração de interesse da Crítica genética.

Até bem recentemente, o manuscrito era considerado somente o rascunho de uma obra. Por rascunho, entendia-se todos os autógrafos, dactiloscritos ou cópias impressas vindas da gráfica, revistas e modificadas pelo próprio punho do autor. Hoje, há um consenso, entre os estudiosos, de que a correspondência, representada pelas cartas, bilhetes, cartões, diários e telegramas, também é considerada como manuscrito e pode trazer informações preciosas para o estudo de um autor e sua escritura. A análise crítica de todo esse material é importante, uma vez que pode revelar não só indícios sobre o processo de criação, informações sobre o autor, como também sobre o contexto histórico, político, econômico e social da época.

A análise literária está ligada à concepção do texto, ao relacionamento entre o autor, o texto e o leitor. Dentro desse contexto, insere-se a Crítica Genética, que, segundo Souza (2009, p. 287, [grifos do autor]):

A Crítica Genética, assim como a Crítica Biográfica, é uma crítica erudita, pois preocupa-se com os textos inéditos, com as correspondências dos autores e com a história da obra em si mesma.

[...] A pretensa sistematização dos métodos da Crítica Genética, no final do século XX, veio corresponder, não somente a um aspecto da nossa modernidade, a *estética do inconcluso*, a teoria que presume que toda obra literária é inacabada, e a *estética da expansão de significados*, a *obra aberta* apregoada por Umberto Eco, mas também a uma insuficiência dos estudos de genética textual tradicionais.

Essa crítica destina-se àquele que se preocupa com o processo de criação de um texto, passando, inclusive, pelos manuscritos e pela correspondência. Seu objeto de estudo é a avaliação dos diversos momentos da criação do autor. Embora não se tenha acesso a todo o processo de criação, mas apenas a alguma parte, é possível conhecer melhor a produção da obra e o autor, e, sobretudo, perceber que o trabalho literário se faz de um processo constante de aprendizagem, de liberdade, da utilização de técnicas e da experimentação. A escrita literária é vista não só como um talento, mas também como o resultado de muito esforço por parte do escritor.

#### 4.1 ARQUIVOS PESSOAIS: CONFIDENTES DE UM TEMPO

Para designar as mais diversas formas de escrita de si, bem como os inúmeros documentos e registros relativos à vida de uma pessoa, utiliza-se a nomenclatura Arquivos Pessoais. Trata-se de documentos que são reunidos ao longo do tempo e que guardam informações da vida de uma pessoa, de sua família, de seu convívio, da época vivida, de suas atividades, enfim, constituem o registro de sua existência. A ideia sobre a formação desse arquivo pode ser sintetizada pelas palavras de Artières (1998, p. 9):

Imaginemos por um instante um lugar onde tivéssemos conservado todos os arquivos das nossas vidas, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os antetextos das nossas existências. [...] descobriríamos cartas: correspondências administrativas e cartas apaixonadas dirigidas à bem-amada, misturadas com cartões postais escritos num canto de mesa longe de casa ou ainda com aquele telegrama urgente anunciando um nascimento.

Segundo os preceitos arquivísticos, os Arquivos Pessoais já nascem como permanentes, ou seja, são arquivos que detêm documentos de valor cultural, pessoal, jurídico ou histórico.

A Lei nº. 8.159, de 8 de janeiro de 1991, determina que a instituição que se responsabilizar pela guarda dos arquivos deve reparar a documentação, caso esteja

danificada e, ainda, obrigatoriamente, fornecer acesso ao público pesquisador (VADE MECUM SARAIVA, 2013).

O **Manual de arranjo e descrição de arquivos**, publicado pela Associação dos Arquivistas Holandeses, constitui-se em uma das obras mais aceitas pelos profissionais de arquivos, definindo arquivos privados do seguinte modo:

Constituem estes, por via de regra, um aglomerado de papéis e escritos, que os vários membros de determinada família, ou os habitantes de uma casa ou castelo, na qualidade de pessoas privadas ou a títulos diversos, algumas vezes mesmo como colecionadores de curiosidades, reuniram e conservaram. Os documentos de um arquivo de família não formam “um todo”; foram, não raro, agrupados segundo os mais estranhos critérios e falta-lhes a conexão orgânica de um arquivo no sentido que define o presente Manual. As regras para o arquivo, em sua acepção própria, não se aplicam, pois, aos arquivos de família (ARQUIVO NACIONAL, 1960, p. 35).

Sabe-se que, em se tratando de fontes primárias, muitas são as dificuldades encontradas pelo pesquisador durante a análise, tais como rasuras, grafia dos manuscritos e marcas do tempo; contudo, ainda que se apresente de forma dificultosa, a consulta a essas fontes torna-se, muitas vezes, imprescindível para redescobrir aspectos intrínsecos à obra e ao artista.

Entre os documentos que a Crítica Genética utiliza para melhor compreensão do texto literário, destaca-se a correspondência escolhida para este estudo, eleita como importante instrumento, capaz de transmitir para o futuro os sentimentos, as inquietações, as experiências e o convívio de uma época, além de ser testemunho da construção ficcional de determinado autor. Portanto, dentro desse contexto de reconhecimento da importância dos arquivos pessoais, mais especificamente da carta como preciosa fonte de pesquisa, justifica-se e desenvolve-se este trabalho.

#### 4.2 MUSEU DE ARTE MURILO MENDES (MAMM) – DEPOSITÁRIO DE VÁRIOS ACERVOS DOCUMENTAIS E ARTÍSTICOS

O Museu de Arte Murilo Mendes está instalado em um belo prédio, situado à rua Benjamim Constant, nº. 790, em Juiz de Fora, local que abrigava a antiga

Reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora, uma referência em termos de arquitetura corbuseriana, um projeto assinado por Waldemar e Décio Bracher. Para a concepção do Museu, a construção foi adaptada, segundo as mais rigorosas normas técnicas da área de museologia. Esse espaço cultural é, atualmente, o guardião não só do acervo bibliográfico do poeta juizforano Murilo Mendes, como também de outros acervos bibliográficos, documentais e artísticos.

O MAMM é um espaço visitado também por estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores que buscam não só conhecimentos a respeito da literatura juizforana, como também visitar as obras raras, estrangeiras e nacionais, depositadas no Museu. Fazem parte dos acervos desse espaço cultural materiais documentais que se constituem verdadeiras preciosidades não só para o estudo literário, como também para o estudo de outras áreas.

É importante ressaltar que cada acervo possui suas peculiaridades. Com referência ao acervo da família Alencar, o grande número de dedicatórias, ou escritos de outros autores endereçados a Gilberto e Cosette de Alencar, bem como as diversas cartas que compõem seus arquivos, constituem documentação importante para o estudo dos autores. Trata-se de documentos que mostram detalhes de como era o ambiente intelectual daquela época, permitindo, desse modo, traçar de forma consistente o perfil intelectual dos escritores.

Segundo Bruno Defilippo<sup>7</sup> (2012), responsável pela organização e pelo tratamento do acervo documental da biblioteca do MAMM, o Museu coloca à disposição de especialistas e interessados os seguintes acervos: o acervo de "Murilo Mendes", que reúne parte da biblioteca pessoal do poeta; o acervo "Alencar" dos escritores Gilberto de Alencar e Cosette de Alencar, juntamente com os acervos "Guima", do artista plástico João Guimarães Vieira; "Arcuri", do professor e arquiteto Arthur Arcuri; "Poliedro", com publicações variadas relevantes para a cidade. A instituição também organiza, atualmente, as heranças literárias de Cleonice Rainho e, em uma sala separada, as do jornalista Dormevilly Nóbrega.

O Setor de Biblioteca e Informação do MAMM é uma biblioteca depositária de acervos especiais, um local destinado ao estudo e à pesquisa sobre a vida e obra de escritores e demais áreas de interação entre a cultura e as diversas esferas da arte contempladas pelo Museu. Conforme informações de Defilippo (2012) e do artigo

---

<sup>7</sup>Entrevista com Bruno Defilippo Horta/MAMM, em 27 de junho de 2012.



intitulado “Confidentes do tempo”, de Raphaela Ramos (2012), publicado no jornal **Tribuna de Minas**, os cinco acervos bibliográficos estão assim constituídos:

a) Biblioteca Murilo Mendes

A biblioteca do poeta juizforano Murilo Mendes possui 2.864 títulos de escritores consagrados, notadamente nas áreas de literatura, religião, música, filosofia e história. Na casa do escritor, em Roma, realizavam-se frequentes reuniões de intelectuais e artistas. As relações de convívio social, familiar e afetivo podem ser verificadas pelos registros nas dedicatórias ou pequenos escritos dos autores para Murilo e sua esposa, Maria da Saudade Cortesão Mendes.

b) Biblioteca Guima

João Guimarães Vieira, além de artista e escritor, era jornalista e professor de História da Arte. Mais de 2.800 livros da biblioteca "Guima" foram doados por sua esposa, em 1997. O acervo é composto de livros cujos temas são relacionados à arte, literatura, filosofia e fotografia. Em sua Biblioteca, há publicações raras, como o **Dicionário da arquitetura brasileira**. Em sua coleção, aparece a ilustração da capa de **Os anos 40**, de Rachel Jardim. Nas relíquias de Cleonice Rainho, há um desenho em bico de pena. Guima correspondia-se, por meio de cartas, com a escritora Cosette de Alencar, as quais podem ser encontradas no acervo da família Alencar.

c) Biblioteca Arcuri

A biblioteca de Arthur Arcuri, professor de arte e arquiteto da Universidade Federal de Juiz de Fora, é composta de 2.010 livros, com grande quantidade de obras de referência e inúmeras coleções da área de arte. Fazem parte também do acervo revistas editadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do qual Arcuri foi diretor em São João del-Rei e Tiradentes. Parte de seu acervo foi doado ao MAMM por desejo próprio, em 2000.

#### d) Acervo de Dormevilly Nóbrega

Após longo processo de limpeza e higienização, a coleção do jornalista Dormevilly Nóbrega, comprada em 2010, ocupa uma sala no primeiro andar do Museu de Arte Murilo Mendes e está em fase de organização. Merecem destaque, nessa coleção, as edições dos periódicos **O Pharol** e **O Lince**, o livro **Poesias**, de Oscar da Gama, lançado em 1902, e o **Novo dicionário da língua portuguesa**, de 1922. Telas, recortes de jornais e revistas, cartas e manuscritos de crônicas também foram encontrados nas caixas.

#### e) Biblioteca Poliedro

A Biblioteca Poliedro é formada por obras que podem servir de apoio informacional aos acervos existentes, especialmente compostos por obras do escritor Murilo Mendes ou que versem sobre o escritor. Com 973 itens, é composta de obras raras e das primeiras edições de Murilo Mendes, além de estudos sobre o poeta e publicações de outros autores da cidade. Algumas das publicações raras nas prateleiras são **Poemas**, de 1930, primeiro livro de Murilo, financiado pelo pai, e **História do Brasil**, de 1932, com capa de Di Cavalcanti. A "Poliedro" também recebe documentos como correspondências ativa e passiva do poeta. Os livros de Literatura Portuguesa e Brasileira foram doados à Universidade de Roma, onde Murilo Mendes lecionou.

#### f) Acervo de Cleonice Rainho

Recebida em 2010, o acervo da escritora Cleonice Rainho já foi higienizado e começa a ser organizado. Com cerca de dois mil itens, a coleção foi doada em vida pela autora, que faleceu em maio de 2012, aos 97 anos.

#### g) Biblioteca Alencar

Cerca de três mil volumes, além de correspondência, diários e manuscritos de obras publicadas e inéditas, estão nas prateleiras da biblioteca Alencar, sendo que grande parte já está disponível para consulta, e o restante está em fase de

processamento. A biblioteca é composta por um grande número de livros de Literatura Francesa e obras originais. Em 11 de abril de 2007, todo o acervo foi doado pela família ao Museu de Arte Murilo Mendes. O filho do escritor Fernando de Alencar e sua esposa Dóris Marlene Rocha de Alencar, durante os anos de 1974 e 1975, reuniram todos os manuscritos, acondicionando-os em pacotes distintos de papel pardo, amarrados com barbantes, devidamente etiquetados na parte externa, porém sem contar com técnicas especiais de preservação: “segundo sua neta Marta Alencar e Sousa, a única regra que gerenciou este trabalho foram o coração e o carinho” (MENDES, 2010, p. 12). As publicações foram, habilmente, encapadas e identificadas com tinta preta, com informações de autoria e título das obras, além de um delicado desenho retangular a delimitar a lombada de cada livro, na qual se encontra a sigla G.A. Fazem parte também do acervo recortes de periódicos dos quais Gilberto de Alencar foi colaborador ao longo de sua vida, entre eles os jornais **O Pharol** e **Diário Mercantil**. É possível vislumbrar, no grupo de recortes, a repercussão na imprensa de alguns de seus livros. Entre os correspondentes de Gilberto de Alencar e Cosette de Alencar, encontram-se remetentes ilustres como Belmiro Braga, Agrippino Grieco, Eduardo Frieiro, Campomizzi Filho, Cyro dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e outros nomes da literatura e da política do século passado.

Os documentos que compõem o acervo da família Alencar encontram-se em fase de higienização completa e catalogação das peças, sendo que algumas já estão à disposição para consulta. Após a finalização da catalogação, as informações serão, posteriormente, inseridas em banco de dados, concretizando-se, assim, a elaboração de um inventário, parte do objeto de trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa *O RESGATE DAS ESCRITURAS: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para composição de um dossiê genético-crítico*, já mencionado na apresentação deste trabalho.

#### 4.3 A ESCRITA EPISTOLAR: NAS ENTRELINHAS DAS CARTAS

Matildes Demétrio dos Santos (1998), em seus estudos sobre correspondência, informa que a carta é reconhecida historicamente como forma de

comunicação. Com regras e normas capazes de diferenciá-la, a carta é classificada pelos geneticistas como um gênero literário.

Um dos autores dos primeiros manuais epistolográficos do mundo ocidental que escreveu sobre cartas foi Demétrius, cujos escritos datam do século III a.C. Ao longo da história, a carta foi utilizada como instrumento de registros, de comunicação, de conselhos, de recomendações e exaltação da fé cristã, como é o caso das epístolas bíblicas.

O desenvolvimento econômico, a partir do século XI, confere à carta um caráter comercial, na medida em que trata não só de assuntos pessoais, como também financeiros. Durante o período das grandes navegações, as cartas adquirem a função de relatar e descrever sobre as terras encontradas, as características da flora, da fauna e dos habitantes de lugares desconhecidos.

A carta foi utilizada também de forma muito intensa no ambiente literário. A publicação do romance em estudo, **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodvalho**, deu-se na década de 1940, período marcado por intensa comunicação entre escritores por intermédio das cartas. Gilberto de Alencar encontra-se inserido nesse grupo de escritores, pois mantinha intenso convívio literário com outros intelectuais da época, fato comprovado pela correspondência existente no acervo, totalizando 1.090 documentos, entre eles: cartas, cartões, cartões postais e telegramas.

É notório que a correspondência ativa do escritor é de grande importância para o estudo de sua obra. Não menos importante é a sua correspondência passiva, pois, embora tenha sido escrita por outros, é valiosa fonte de informações para se conhecer um pouco melhor o seu destinatário.

Segundo Santos (1998, p. 65-66), a carta, além de dizer sobre o remetente, também conduz a avaliações sobre o destinatário:

[...] a carta não só diz do remetente, como abre brechas para o conhecimento do destinatário, expondo-o através de observações, comentários, elogios e críticas daquele que escreve. É questão de perceber que o outro é “visto” de um modo particularizado, à luz das opiniões, necessidades reais ou supostas de um eu que comanda a escrita. Isso acontece porque, na maioria dos casos, não se tem a correspondência passiva de um escritor e essa ausência, longe de ser um entrave à comunicação, acaba por convidar o leitor a ocupar esse espaço vazio e a desconfiar que o interlocutor, alojado do outro lado da cena, mereça atenção, pois é ele quem dá eco e vida ao diálogo epistolar.

As cartas, na maioria das vezes, revelam informações de ordem pessoal do destinatário e do correspondente; todavia, compreender o conteúdo de uma epístola não é suficiente para conhecê-los como, de fato, foram. Não se trata de formar uma imagem definitiva, mas, sim, de ter a possibilidade de construí-la juntamente com o enriquecimento de outras informações.

Os documentos que compõem a correspondência de um escritor registram informações importantes sobre o cenário intelectual e cultural, bem como sobre o momento histórico vivido. Escrever cartas é também uma forma de arquivar-se, segundo o pensamento de Philippe Artières (1998, p. 31) a respeito do arquivamento do eu:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós.

Para Artières (1998), o autor, por meio de sua escrita, expõe sua imagem da forma como deseja e se reafirma, resistindo ao esquecimento. Fazendo isso, ele está organizando o próprio processo, preparando sua defesa de forma intencional, deixando em evidência a imagem de si mesmo que deseja imortalizar, ou seja, firmando o discurso desejado.

Mário de Andrade, em sua crônica intitulada “Epistolografia”, publicada no **Diário Nacional** de São Paulo, em 28 de setembro de 1930, preocupa-se com esse tema, quando trata a questão da sinceridade das cartas, enfatizando sobre o que elas dizem e o que querem dizer realmente. Nesse texto, segundo Marcos Antonio de Moraes (2000, p. 2), “Mário de Andrade reafirma que carta é máscara, uma ‘encenação’ exigida pela urbanidade e fundada nas relações diferenciadas entre os interlocutores”. Matildes Demétrio dos Santos (1998, p. 21) incita uma importante reflexão quando afirma: “Se o texto romanesco trapaceia maravilhosamente com o leitor, jogando ações e sentimentos de personagens irrealis, a correspondência, ao contrário impõe-se como um discurso sem máscaras”.

Cabe, então, a reflexão sobre essa duplicidade de olhares que a carta permite, confirmando a consideração de Philippe Artières quando afirma que o arquivamento do eu não é uma prática neutra: ela pode ou não ser uma máscara.

Conforme Moraes (2007), a correspondência de Mário de Andrade apresenta-se como uma valiosa fonte de consulta para se conhecer o processo de criação de seu texto. Seu acervo é composto de 6.951 documentos, revelando-se grande potencial de pesquisas. Por essa razão, é possível que esse autor seja o mais pesquisado até o momento, no que se refere ao estudo da correspondência, face ao extenso diálogo que manteve com intelectuais brasileiros e a importância do conteúdo de suas cartas para os estudos literários.

Telê Ancona Lopez (2000, p. 277) estima que Mário de Andrade tenha escrito mais de 10 mil cartas, “era um correspondente fecundo, contumaz, como ele próprio se classificou”. Segundo a autora, sua correspondência ativa pode ser comparada, em termos de valor, à dos grandes nomes da epistolografia universal, razão que justifica o grande interesse dos estudiosos por esses documentos.

Exemplificando, nessa linha, apresenta-se um dos estudos de Eliane Vasconcellos<sup>8</sup> (2002), que, na apresentação do livro intitulado **Inventário do Arquivo Carlos Drummond de Andrade**, em sua segunda edição, ressalta a importância de suas missivas, quando escreve sobre a cronologia da vida e da obra do autor, sua bibliografia, suas correspondências, sua produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais e a documentação complementar, entre outros. A autora, no texto intitulado “O arquivo Carlos Drummond de Andrade”, que abre a edição desse **Inventário**, afirma:

As cartas, de um modo geral, irão revelar dados de ordem pessoal do destinatário e do correspondente, além de registros, fatos relacionados ao âmbito literário, muitas vezes caracterizado pelo agradecimento e oferta de livros, comentários rápidos sobre o fazer poético de ambos, além do comentário de momentos históricos e políticos. São comuns os pedidos de colaboração para jornais e revistas, de autorização para publicação de poemas. Pode-se também por meio da correspondência de leitores estudar a recepção crítica da obra de Drummond (INVENTÁRIO DO ARQUIVO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, 2002, p. 11).

---

<sup>8</sup> Pesquisadora do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, por ocasião da publicação da obra referida.

Ainda, como organizadora da obra **Inventário do Arquivo Pedro Nava**, publicado pela Casa de Rui Barbosa, Vasconcellos (2001, p. 32), referindo-se ao acervo do escritor juizforano, afirma que os originais e papéis arquivados por ele, durante toda a sua vida, “são pródigos de muitos outros elementos, e não apenas rascunhos de sua escrita”. Entre esses documentos, encontram-se sua correspondência ativa, pessoal, de terceiros e familiar. Segundo a autora, esses originais e papéis oferecem o que há de melhor para compreender-lhe o processo criativo e facilitar a implementação de pesquisas no campo da Crítica Genética.

Enfatizando o objeto desta pesquisa, a correspondência privada de um escritor é fonte substancial para se compreender sua obra. Em se tratando de correspondência, uma questão que se coloca é sobre o que é considerado público e o que é privado. Juridicamente, a carta está protegida. De acordo com o inciso XII do Artigo 5º da Constituição Federal: “é inviolável o sigilo da correspondência” (VADE MECUM SARAIVA, 2013, p. 8). Conforme o Código Penal brasileiro, em seu Artigo 153, constitui-se crime contra a inviolabilidade dos segredos “Divulgar alguém, sem justa causa, conteúdo de documento particular ou de correspondência confidencial, de que é destinatário ou detentor, e cuja divulgação possa produzir dano a outrem” (Ibid., p. 541).

A Lei nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, conhecida como a Nova Lei de Direito Autoral, também preserva a carta, em seu artigo 41 do Código Civil: “Os direitos patrimoniais do autor perduram por 70 (setenta) anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento, obedecida a ordem sucessória da lei civil” (Ibid., p. 1678). Uma obra ou documento cai em domínio público somente após decorrido o período citado. A instituição que abriga o acervo é apenas guardiã dos documentos; portanto, é necessário obter permissão por parte da família para a reprodução dos documentos que compõem a correspondência.

No campo literário, é bastante divulgado o pedido que Mário de Andrade procedeu em suas cartas para que os destinatários não as publicassem, como pode ser comprovado em carta endereçada a Murilo Miranda, de 19 de agosto de 1943: “[...] declaro solenemente, em estado de razão perfeita, que quem algum dia publicar as cartas que possuo ou cartas escritas por mim, seja em que intenção for, é filho da puta, infame, canalha e covarde. Não tem noção da própria e alheia dignidade” (ANDRADE, 1981, p. 158).

Percebe-se que, apesar de Mário de Andrade saber da grande importância de sua correspondência para a Literatura Brasileira, e que seu arquivo seria fonte de estudos e pesquisas, estabeleceu que, após sua morte, as cartas recebidas e conservadas em pastas fossem lacradas e assim deveriam permanecer por 50 anos.

Diante de trabalhos como os que foram citados sobre a correspondência de escritores, com edição de documentos inéditos, organização de cartas, por meio da reunião de ensaios sobre o diálogo epistolar, foi possível traçar um plano de atividades para leitura e estudo das missivas de Gilberto de Alencar referentes ao período de 10 de agosto de 1945 a 12 de setembro de 1965, que compõem o objeto de pesquisa desta dissertação.

A análise da correspondência do acervo de Gilberto de Alencar permitiu reconstituir parte da vida literária do Brasil e de Minas Gerais. O lote de cartas consultado tornou possível constatar o convívio literário intenso entre os intelectuais da época, através de amplo relacionamento social, político e cultural. Informações sobre a produção intelectual, bem como questões ligadas à publicação, editoração e divulgação, traduzem-se em elementos muito ricos para se conhecer parte do universo literário e elegem as missivas como documentos importantíssimos para estudos não só no campo da literatura, mas também de outras áreas do conhecimento.

Visitar o vasto arquivo de Gilberto de Alencar conduz a inquietações. Conhecer as confissões, os desejos, os anseios e as frustrações do escritor é o mesmo que investigar a sua intimidade. Parte da vida do autor está ali, depositada em documentos, manuscritos e dactiloscritos, que merecem muito respeito, cuidado, delicadeza e, acima de tudo, muita seriedade no tratamento por parte do pesquisador, a fim de que o mesmo possa agir sob os limites impostos pela ética.

Pode-se afirmar que o estudo das cartas, cujo objetivo é a elaboração de uma edição anotada de parte da correspondência do escritor Gilberto de Alencar, muito contribuirá para o resgate de sua memória e compreensão de sua obra. A constituição da chamada Edição de fontes reafirma a grande importância da epístola como testemunho do fazer literário.



#### 4.4 IMPORTÂNCIA DA EDIÇÃO ANOTADA DA CORRESPONDÊNCIA

Edição anotada ou Edição de fontes é aquela em que o texto apresenta notas esclarecedoras, partindo-se do pressuposto de que a correspondência é uma fonte de grande importância para a pesquisa sobre autor e obra, e, ainda, para a compreensão do processo criativo, embora a criação não seja o objeto desta pesquisa. Este estudo justifica-se pelo fato de que a correspondência pode ser considerada como espaço testemunhal de parte do percurso feito pelo autor, que pode apontar o caminho percorrido, por meio de informações preciosas que permitam ao pesquisador tentar refazer o itinerário de sua vida. Dessa forma, a pesquisa com cartas traduz-se em variadas e interessantes possibilidades de estudo não só do autor e da obra, mas também da história política e literária. A carta traz revelação de informações a respeito dos correspondentes e dos indivíduos mencionados na epístola. Muitas vezes, as cartas de escritores apresentam, ainda, registros de fatos relacionados ao âmbito literário, como agradecimentos, oferta de livros e congratulações, bem como pedidos de colaborações para jornais, revistas e para apreciação de editoras. Ainda, por meio do diálogo epistolar, os interlocutores estabelecem relações de amizade e cooperação entre si.

Conhecer a correspondência de escritores, portanto, coloca o pesquisador diante de informações importantes sobre o cenário cultural e intelectual em que o autor se insere, sua vida, obra e o seu fazer literário, podendo-se afirmar que trilhar esse percurso possibilita o resgate da memória da literatura.

Moraes (2001), enquanto organizador da correspondência de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira, ao elaborar, também, uma edição de fontes, contribui com importantes informações e esclarecimentos sobre como se deu a elaboração das notas dessa edição:

[...] é requisito de uma correta edição de documentos, a maior parte inéditos, detalhar as fontes primárias. As notas de rodapé procuram acompanhar o texto, fornecendo elementos biográficos e dados sobre locais citados, colocando à disposição do leitor sínteses de textos ali comentados, para que ele possa seguir o diálogo em todas as nuances e capturar uma ambiência. Esses textos citados muitas vezes são de difícil acesso. O diálogo como recorte histórico completa-se também com os diálogos

paralelos, vozes dos amigos comuns que, ao serem mencionados, entram também como atores na correspondência (MORAES, 2001, p. 33).

O grande desafio enfrentado pela pesquisadora desta dissertação foi identificar e ressaltar as informações contidas nas cartas que deveriam constar das notas de referências. Mais uma vez, o olhar do pesquisador define sobre quais notas irão compor o texto, esclarecendo-o com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o autor e a obra em estudo. Trata-se de um trabalho instigante na medida em que, a partir de uma busca, depara-se com outra e, assim, sucessivamente.

## 5 EDIÇÃO ANOTADA

A presente Edição anotada ou Edição de fontes é constituída pela transcrição das cartas e pelas notas explicativas, seguidas da descrição física do manuscrito, segundo os critérios definidos pela pesquisadora para estabelecimento do texto.

### 5.1 CRITÉRIOS ESTABELECIDOS

Edição anotada ou Edição de fontes é aquela em que o texto apresenta notas destinadas a esclarecê-lo ou atualizá-lo. Este trabalho parte do pressuposto de que a correspondência é uma substancial fonte de pesquisa para se conhecer o fazer literário e compreender o processo de criação de um autor, embora este não seja o objeto de estudo da presente dissertação.

A leitura das cartas trocadas por Gilberto de Alencar e seus correspondentes conduziu-nos à definição do objeto de estudo desta pesquisa. Ainda, fez-se necessário maior aprofundamento em questões suscitadas nas cartas, visando a uma melhor compreensão do diálogo epistolar entre Gilberto de Alencar e seus signatários, o que motivou a constituição da Edição anotada da correspondência.

Conforme já mencionado na seção anterior, as missivas foram norteadoras do desenvolvimento desta pesquisa, tanto no que se refere à elaboração da Edição anotada ou Edição de fontes, quanto na busca da identificação e confirmação das possíveis relações intertextuais entre as obras sob análise. Parte dos objetivos deste estudo consistiu no levantamento da correspondência que se destinou a comentar a escritura do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, o que justificou a consulta não só a correspondência passiva de Gilberto de Alencar, como também a de sua filha, Cosette de Alencar. O estudo concentrou-se na correspondência passiva pela disponibilidade de acesso aos documentos localizados no MAMM. O trabalho realizado com cartas de signatários diferentes impossibilitou a utilização também das missivas da correspondência ativa de Gilberto e Cosette de Alencar, uma vez que não foram localizadas cópias desses documentos no acervo.

A transcrição das cartas propõe-se a apresentar, como produto final, a chamada Edição anotada, ou Edição de fontes, que justifica o ineditismo do presente trabalho, bem como a importância desse conjunto de documentos, que apontou, sem analisar, a relação intrínseca entre o arquivo-correspondência e a literatura.

Serão apresentados, nesta ordem, os seguintes elementos que compõem a presente Edição anotada: transcrição das cartas, notas de referências e descrição física do manuscrito. Para tanto, é importante registrar que houve critérios para o estabelecimento do texto, em parte, de acordo com os princípios definidos pela coordenação editorial da Coleção Correspondência de Mário de Andrade, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo, devidamente apropriados ao *corpus* deste trabalho, conforme se segue:

a) embora conhecendo o texto dos estudiosos, Antonio Candido e Telê Ancona Lopez, por meio da nota introdutória do pesquisador Marcos Antonio de Moraes, quando da organização da Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, pelo IEB/USP, que sugere a atualização ortográfica em acordo com a norma vigente, a pesquisadora optou, nas transcrições textuais das cartas, pela manutenção da grafia e pontuação originais utilizadas pelos autores, nos fragmentos dos romances e nos textos reproduzidos de crônicas publicadas nos jornais citados;

b) todos os demais textos da Edição anotada obedecem ao Novo Acordo Ortográfico vigente;

c) procurou-se guardar as características cursivas das cartas como, por exemplo, aumento do corpo das letras e palavras abreviadas;

d) manutenção dos trechos sublinhados pelo autor;

e) as cartas sem data serão colocadas ao final;

f) para as notas explicativas, observância à norma vigente da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT) para títulos de livros, isto é, uso de maiúscula na primeira palavra e minúscula nas subsequentes. Esses títulos, assim como os periódicos (jornais, boletins e revistas), foram grafados em negrito;

g) as cartas serão numeradas de 1 a 16 para efeito de índice, seguindo-se a ordem cronológica, apresentando primeiro as cartas remetidas a Gilberto de Alencar, inclusive uma correspondência sem data, para depois serem registradas as cartas remetidas a Cosette de Alencar;

h) utilização da abreviatura s.d. para designar as palavras “sem data”;

i) identificação das pessoas mencionadas, logo à primeira alusão, informando quem foram, o que fizeram, relacionando-as sempre ao contexto das missivas;

j) apresentação dos lugares e datas, conforme a sequência: cidade, dia, mês, ano;

k) na descrição do documento, ao término de cada texto transcrito, será registrado em espaço simples e tipo de letra e tamanho de acordo com as citações, observando sempre os manuscritos para resgatar seu formato original, conforme exemplificado a seguir: Cartão datado: “10-VIII-45”; autógrafo a tinta preta. No centro superior, impresso: João Dornas Filho; no canto inferior esquerdo, impresso: Rua Alagoas, 325; no canto inferior direito, impresso: Belo Horizonte, medindo: 9,4 x 14,2 cm;

l) as citações das obras e crônicas cujos trechos serão citados na Edição anotada serão registradas em espaço simples.

## 5.2 EDIÇÃO ANOTADA: ESTABELECIMENTO DO TEXTO

01 (João Dornas Filho)

# DOCUMENTO RESERVADO

Cartão datado: “10-VIII-45”; autógrafo a tinta preta. No centro superior, impresso: João Dornas Filho; no canto inferior esquerdo, impresso: Rua Alagoas, 325; no canto inferior direito, impresso: Belo Horizonte, medindo: 9,4 x 14,2 cm, sem assinatura.

---

<sup>9</sup> Gilberto de Alencar herdou o gosto pela literatura do pai Dr. Fernando de Alencar, também escritor, e autor do romance **Celestina**. Estudou no Colégio Interno Gonçalves de Barbacena, MG. Residindo em Juiz de Fora, exerceu o jornalismo e a direção da Secretaria de Educação. Membro da Academia Mineira de Letras é considerado, com justiça, um dos maiores escritores mineiros. Foi agraciado pelo governo de Minas Gerais com a medalha da Inconfidência. Teve importância significativa para a cidade de Juiz de Fora, não só enquanto escritor, mas também por sua atuação enquanto jornalista e ocupante de cargos públicos. Na cidade, escola, biblioteca e logradouro recebem seu nome em sua homenagem.

Conforme Barbosa (2002), “foi agraciado pelo governo italiano, em 1936, com a Comenda de Cavaleiro da Coroa de Itália, condecoração que foi devolvida quando da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial” (BARBOSA, 2002, p. 52).

<sup>10</sup> João Dornas Filho nasceu em Itaúna, MG, em 7 de agosto de 1902. Foi um dos fundadores, em 1928, do jornal **Leite Crioulo**. Romancista, contista, ensaísta, historiador, folclorista e biógrafo. Sua primeira obra foi **Itaúna**. Algumas obras: **Silva Jardim** (1936); **Os Andradas na História do Brasil** (1937); **A escravidão no Brasil** (1939). Faleceu em 11 de dezembro de 1962 (DUARTE, 2010, p. 197).

---

<sup>11</sup> Refere-se à votação na Academia Mineira de Letras.

<sup>12</sup> Pode-se inferir que seja João Dornas Filho quem recebeu o voto, em razão da proximidade da data do cartão de agradecimento e do telegrama datado de 5 de julho de 1945, enviado por Cyro dos Anjos a Gilberto de Alencar. Nesse telegrama, Cyro dos Anjos solicita, em seu nome e em nome de Mario Casasanta, presidente da Academia Mineira de Letras à época, o apoio para a candidatura de João Dornas. Ainda, conforme o discurso de posse do Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho na Academia Mineira de Letras, em 31 de maio de 2007, “João Dornas Filho, em 1945 foi eleito, unanimemente, para a Academia Mineira de Letras”. Ocupou a Cadeira nº. 12, cujo patrono é Alvarenga Peixoto.

<sup>13</sup> Pela data, pode-se inferir que o signatário esteja referindo-se ao romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, cuja 1ª edição, datada de 1946 e financiada pelo próprio autor, foi produzida nas oficinas da **Gazeta Comercial** de Juiz de Fora. A 2ª edição, datada de 1957, pela editora Agir, Rio de Janeiro. A 3ª e a quarta edição, póstumas, datadas de 1962 e 1970, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte.

<sup>14</sup> Acredita-se que seja a editora Agir que publicou o livro posteriormente.

<sup>15</sup> Publicar o seu livro de memórias.

<sup>16</sup> Ver nota 13.

<sup>17</sup> Refere-se a João Dornas.

02 (Mário Matos)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: “B.H<sup>te</sup>, 2-8-946”; manuscrita; assinatura autógrafa a tinta preta; com duas perfurações ao centro; medindo 20 x 25,50 cm; amarelada pelo tempo.

---

<sup>18</sup> Ver nota 9.

<sup>19</sup> O romance narra a vida de Gudesteu Rodovalho em cidades do interior de Minas Gerais e no colégio interno, durante sua infância, adolescência e fase adulta. A leitura da obra permite ao leitor conhecer os locais onde se desenvolve o enredo, como, por exemplo, nessa passagem, em que é narrada parte da lida no sítio de Antônio Rodovalho, tio de Gudesteu:

“– Gudesteu, vá buscar as cuias.

As cuias eram para a gente aparar a garapa e ali mesmo saboreá-la.

Lembrava-me de Camarão, no dia dos refrescos no quiosque de Barbacena. Lembrava-me dêle e esvaziava cuias sucessivas, apesar dos avisos prudentes de Antônio Rodovalho, a todo o instante:

– Cuidado, menino. Garapa demais costuma desandar a barriga...

– Tem nada não!

Moidas as últimas canas, iniciava-se a fabricação do açúcar e da rapadura, depois vinha a da aguardente, quando a garapa já havia fermentado no parol [sic]. Acendia-se a fornalha debaixo do alambique de cobre e o trabalho ia até alta noite” (ALENCAR, 1957, p. 159).

<sup>20</sup> Fernando de Alencar.

<sup>21</sup> Refere-se ao irmão de Gilberto de Alencar que residia em Belo Horizonte à época, segundo entrevista feita a Marta de Alencar e Sousa em 23/11/2012.

<sup>22</sup> Ver nota 19.

<sup>23</sup> Opinião de Mário Matos sobre o romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

<sup>24</sup> O Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, por meio de sua equipe técnica do Serviço de Arquivos Permanentes, coloca à disposição do público interessado, para consulta, a coleção **Revista**



---

**Alterosa**, referente ao período de agosto de 1939 a maio de 1947. Gilberto de Alencar publicava crônicas nesse periódico. Disponível em: <<https://www.pbh.gov.br/cultura/arquivo>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

<sup>25</sup> Mário Gonçalves de Matos nasceu em 28 de setembro de 1891, em Santana do Rio São João Acima, atual Itaúna, e faleceu em Belo Horizonte, em 28 de dezembro de 1966. Foi escritor, poeta, teatrólogo, jornalista, crítico literário, advogado, professor, deputado estadual e federal. Dirigiu periódicos como: **Imprensa Oficial**, revista **Cigarra do Sertão** e **Gazeta de Notícias**. Entre suas obras, destacam-se: **Discursos** (1927); **O último bandeirante** (1935); **Casa das três meninas** (contos, 1949) (DUARTE, 2010, p. 276-277). Conforme recorte sem paginação, arquivado na pasta de nº 27, do acervo da família Alencar, na matéria publicada no jornal **Estado de Minas**, em 19 de fevereiro de 1961, intitulada “Gilberto de Alencar”, Eduardo Frieiro menciona a amizade, desde a infância, entre Gilberto de Alencar, Mário Matos e José Osvaldo de Araújo:

“Em palestra pronunciada na Academia Mineira de Letras, reproduzida na revista da mesma Academia (Vol.XX, 1954), Gilberto de Alencar recordou os seus começos literários em Dôres do Indaiá. ‘Era uma vez...’. Assim começava as suas reminiscências. Era uma vez, no começo do século, três adolescentes, que se chamavam José Osvaldo de Araujo, Mário Matos e Gilberto de Alencar. Os três encontraram-se ali, como não podiam deixar de encontrar-se em tão pequeno burgo, acamaradaram-se e selaram uma amizade que duraria tôda a vida. [...] Filho de um poeta e médico cearense, pertencente à família ilustre dos Alencares, quis o acaso que Gilberto nascesse num rincão da Mantiqueira. Um cearense nato, com decididas ambições literárias, teria emigrado para o Rio. Gilberto ficou. Aos 24 anos completava o primeiro quadro social da Academia Mineira de Letras, recém-fundada em Juiz de Fora, então o principal centro intelectual do Estado. Algum tempo depois, far-lhe-ia companhia Mário Matos, e, um pouco mais tarde, José Osvaldo de Araújo. Estavam novamente juntos, já consagrados nas letras, os três sonhadores de Dôres do Indaiá”.

03 (Mário Matos)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: “B. H<sup>le</sup>, 14/9/946”; manuscrita; assinatura autógrafa a tinta preta; em 3 folhas; com numeração ordinal no centro na parte superior a partir da segunda; com duas perfurações; medindo 16 x 23,5 cm; amarelada pelo tempo.

---

<sup>26</sup> Ver nota 9.

<sup>27</sup> Ver nota 19.

<sup>28</sup> Quatro meses antes da inauguração da nova capital, Belo Horizonte, o Tribunal da Relação foi instalado em prédio situado no local onde hoje funciona o Instituto de Educação. Disponível em: <<https://www.tjmg.jus.br/institucional/historico>>. Acesso em: 3 set. 2012.

---

<sup>29</sup> A pesquisadora buscou a informação nos jornais de divulgação oficial do estado de Minas Gerais, porém não foi localizada.

<sup>30</sup> Ver nota 19.

<sup>31</sup> “As aulas que mais me interessavam e prendiam entre tôdas eram as de francês. O professor Castro, Manoel Anselmo de Araujo Azevedo e Castro, era um homem de cinqüenta anos, amarelo, pequeno e magro, apesar do nome comprido, com ares de sofredor. Uma barba rala, já quase tôda branca, terminava-lhe em ponta no queixo. Os bigodes, alourados pelo fumo, trazia-os retorcidos. A gola do paletó sovado e lustroso andava sempre polvilhada de muita caspa. Dizia-se que tinha desgostos em casa, filhos numerosos e pouco dinheiro, pois o colégio pagava uma insignificância. Dava também lições particulares e o labor em excesso ia acabando com êle. Parecia que cada semana ficava mais fino, mais sem côr, mais murcho. O que não mostrava perder era a espécie de paixão que punha no exercício do magistério, o esmero com que se desincumbia da tarefa ingrata e áspera, tendo nela talvez o único meio de fugir às preocupações e às dificuldades que o amofinavam” (ALENCAR, 1957, p. 66).

<sup>32</sup> Nesta correspondência, Mário Matos menciona, pela primeira vez, o possível artigo que escreveria sobre a obra **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

<sup>33</sup> Ver nota 14.

<sup>34</sup> Ver nota 25

04 (Mário Matos)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: “B.H<sup>te</sup>, 1/12/946”; manuscrita; assinatura autógrafa a tinta preta; em duas folhas; com numeração ordinal ao centro, na parte superior, na segunda página; com duas perfurações ao centro; medindo 16 x 23,5 cm, amarelada pelo tempo.

---

<sup>35</sup> Ver nota 9.

<sup>36</sup> Ver nota 19.

<sup>37</sup> Não localizada esta dedicatória escrita por Gilberto de Alencar. A pesquisadora, entretanto, encontrou, em carta de Mário Matos endereçada a Cosette de Alencar, datada de Belo Horizonte, 06/04/1966, um registro referente às dedicatórias que Gilberto de Alencar lhe escrevia, da qual extraímos o seguinte trecho:

“E devo dizer-lhe que as dedicatórias com que o Gilberto me presenteou os seus livros foram invariavelmente iguais. Aqui as transcrevo sem manifestação de vaidade mas como prova de sinceridade dele: - ‘Ao brilhante espírito de Mário Matos, a cujo estímulo eu devo em grande parte este livro, com a velha admiração e fraternal amizade do Gilberto de Alencar’. Através do tempo, as palavras do notável escritor foram invariavelmente as mesmas, traduzindo assim o sentimento uniforme que as inspirava”.

<sup>38</sup> Ver nota 19.

<sup>39</sup> O município de Dolores do Indaiá está localizado no centro-oeste de Minas Gerais, a 242 km de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.doloresdoindaia.mg.gov.br>>. Acesso em: 3 set. 2012.

<sup>40</sup> Gudesteu Rodovalho é o protagonista do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, de Gilberto de Alencar. Uma criança esperta e travessa, como pode ser observado no seguinte fragmento:

“– E’ o senhor Rodovalho?

– Um seu criado.

– Já o esperava, pois recebi anteontem a sua carta. Então o menino é este?

– Este mesmo.

– Muito pequenino ainda. Diz o senhor que já fêz dez anos, mas não parece. Venha cá, Aristeu, vamos conversar... [...]

– Sou o diretor do colégio [...].Você veio mesmo com vontade de estudar?

Respondi que sim, que havia vindo com disposição de estudar muito.

– Ele é vivo, não andou mal na escola, mas é vadio, professor, muito vadio.

[...] Baixei o rosto, olhei para o chão e ri disfarçadamente, que não tinha outra coisa a fazer. Por causa dêstes risos disfarçados é que minha mãe me chamava às vêzes de boi sonso” (ALENCAR, 1957, p. 36-37).

<sup>41</sup> “Não, não penso em fazer como José de Brito, não quero morrer, quero é chorar, quero furiosamente chorar e não posso. Sinto apenas um bôlo na garganta e depois um desânimo fundo, uma vontade imensa de não procurar mais saber de coisíssima nenhuma, de não ver nada, nada, de fechar os olhos a tudo, de apagar tôdas as lembranças, tôdas, a do tempo que fugiu e que perdi, a dos bons momentos que não aproveitei, a dos devaneios que não se realizaram.[...] O senhor está chorando? Que mulher mais idiota esta! Chorando uma história. Assim que Abigail chegar da rua com Maria do Carmo, é possível que possa chorar, para que me consolem, me envolvam no seu carinho, agora não, o fim do drama talvez ainda não tenha chegado e não paga a pena a gente antecipar. Podem dizer à vontade que no drama bem pouco sucedeu. De fato não sucedeu muito. Nestes grandes e obscuros dramas que a vida prepara é tudo assim mesmo, o entrecho é simples e quase nunca acontece nada. Nem precisa” (ALENCAR, 1957, p. 323).

<sup>42</sup> Situada na Av. Afonso Pena, em Belo Horizonte, era uma livraria bem frequentada, pois era localizada próxima ao Café Pérola, local de encontro de intelectuais da época. Disponível em:

<<https://www.fafich.ufmg.br/alaidelisboadeoliveira.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2012.

<sup>43</sup> Livraria de Belo Horizonte.

<sup>44</sup> Livraria de Belo Horizonte.

<sup>45</sup> Era um local em que se reuniam jovens intelectuais mineiros. Nessa livraria, aconteciam muitos lançamentos de livros. Disponível em: <<https://www.fafich.ufmg.br/alaidelisboadeoliveira.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2012.

<sup>46</sup> Pode-se inferir que seja a nevralgia facial, em razão da qual teve de guardar o leite vários dias, citada na carta não datada, endereçada a Gilberto de Alencar. Nessa carta, Mário Matos já mencionava o artigo prometido e disse que acreditava que a nota escrita para a revista **Alterosa**,

---

ainda saísse em dezembro. Diante do exposto, pode-se inferir que, possivelmente, essa carta foi escrita em novembro do mesmo ano, em 1946.

<sup>47</sup> Acredita-se que seja um artigo sobre o romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Foram localizadas algumas notas de jornal em que foram publicados fragmentos da carta de 14/09/1946, sobre as impressões de Mário Matos, porém o artigo prometido por ele não foi localizado no acervo, nem em jornais e revistas pesquisados. Conforme recorte sem paginação, arquivado na pasta de nº 27, do acervo da família Alencar, foi publicada a seguinte nota no jornal **Gazeta Comercial**, no caderno **Novidades Literárias**, em Juiz de Fora, em 21/09/1946:

“**Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** Opinião de Mario [sic] Matos sôbre o próximo romance de Gilberto de Alencar. O romance de Gilberto de Alencar, **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, acaba de entrar para o prelo e deverá ser lançado até fins de dezembro ou princípio de janeiro próximos. A propósito, recebeu o autor, do notável escritor Mario Matos, que leu os originais do romance, uma carta de que extraímos os seguintes trechos: ‘Já li o seu livro até o meio e aqui lhe adianto uma opinião. É um grande livro, em que V. se mostra com toda a fôrça do estilo, experiência e sabedoria da vida. Nele V. põe de manifesto os seus dons de narrador, de psicólogo, de mestre do dialogo e fixador de personagens. Os episodios que foram quase todos vividos, têm teatralidade comedida, movimento e emoção levemente contida. De seu livro transpira uma profunda melancolia, advinda dessa vaga, romantica saudade da infancia, que é o nosso arrependimento de não sabermos ter vivido. Entre outras coisas, a de que mais gostei foi a apresentação do professor Castro. Pagina digna da antologia! Quanto ao estilo, vê-se que V. chegou ao que penso seja o rumo certo: – combinar a estilística criada pelo novo com o sentido evolutivo da língua. Para lhe dizer numa palavra tudo: – Hoje, poucos livros me agradam, e o seu está me agradando em cheio. Se a minha opinião vale alguma coisa, ele será um dos maiores êxitos literários destes tempos. Aqui lhe estou mandando uma opinião ligeira, mais de espaço escreverei um artigo sobre o seu grande livro’ [...]”.

<sup>48</sup> O **Estado de Minas**, fundado em 7 de março de 1928 (CARVALHO, 1994, p. 80).

<sup>49</sup> Ver nota 25.

05 (Sales Oliveira)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: “B. Horizonte, 8 de Dezembro de 1946”; manuscrita; em papel com timbre com os dizeres “Conselho Administrativo do Estado de Minas Gerais; assinatura autógrafa a tinta preta; com duas perfurações ao centro superior; medindo 20 x 24,5 cm, amarelada pelo tempo.

---

<sup>50</sup> Ver nota 9.

<sup>51</sup> Oliveira Costa é possível que seja referência à Papelaria e Livraria Oliveira e Costa, que ocupava o andar inferior de um grande sobrado que abrigava, no primeiro andar, o Hotel Globo, onde também funcionava o Café e Bar do Ponto, mais famoso de Belo Horizonte à época. Disponível em: <<http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000103.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012. A menção a essa livraria também aparece em notícia publicada no jornal **Minas Gerais**, transcrita na íntegra na nota 53.

<sup>52</sup> Pode-se deduzir que o pedido refere-se à divulgação do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

<sup>53</sup> É possível que a divulgação solicitada seja por meio dos jornais da época, pois foram localizadas notas de divulgação do livro em diversos periódicos de outras localidades, além de Juiz de Fora, como o **Minas Gerais**, em Belo Horizonte; **Diário do Comércio**, em São João del-Rei; **O Globo**, Rio de Janeiro; **Diário Mercantil** e **Diário da Tarde**, em Juiz de Fora. O livro **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** foi lançado em Juiz de Fora, em 30 de novembro de 1946. Conforme recorte

---

sem paginação, arquivado na pasta de nº 27, do acervo da família Alencar, foi possível conhecer as seguintes matérias dos jornais **Minas Gerais** e **O Globo**, transcritas abaixo:

Jornal **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30/11/1946, nota intitulada “Publicações”:

“Foi há dias lançado em Juiz de Fora, e já se encontra à venda, nesta capital, na livraria Oliveira, Costa e Cia., o romance de Gilberto de Alencar, **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. É esta a primeira vez que o escritor mineiro aborda o gênero e daí o interesse e a curiosidade que o aparecimento do livro está despertando nas rodas literárias e entre o público leitor. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** é uma evocação da vida em Minas Gerais, há quarenta ou cinquenta anos passados e simultaneamente a história dramática de um pequeno burguês desambientado em meio à transformação dos costumes, com a qual não se conforma e a que busca fugir em vão, chegando ao fim da vida dentro de um grande vazio e dominado pelo sentimento de haver estragado irremediavelmente a própria existência. O volume, com 368 páginas em excelente papel, tem magnífica apresentação e foi artisticamente trabalhado. O aparecimento do romance em Juiz de Fora constituiu verdadeiro sucesso de livraria, sendo de esperar que Belo Horizonte também acolha com simpatia mais esta contribuição de Gilberto de Alencar às letras mineiras”.

Jornal **O Globo**, Rio de Janeiro, 05/11/1946, artigo de Edmundo Lys, intitulado “Notícia de Minas”, publicado no caderno O GLOBO na sociedade:

“O Rio, em geral, só vê em Minas a política. Política, além do queijo de Minas, é claro. O queijo de Minas, cada vez mais caro, e que, em geral, não é de Minas. Mas Minas não é só política e laticínios. Há rosas na praça da Liberdade, embora os homens apressados que passam por ali corram sempre para o Palácio do Governo, e nem vejam as magníficas Paul Neron que florescem do lado de fora. E há paisagens. Os crepúsculos da Serra do Curral, as manhãs deslumbrantes da Pampulha, o bucolismo da Lagoa Santa e os vetustos cenários de Ouro Preto, carregados de lendas e de barroco. Há os cravos e os ‘bleuets’ de Barbacena. O parque de Mariano Procópio em Juiz de Fora, um parque de ‘feerie’, um parque de Perrault, tão encantado, que muitas vezes há nele contos de fadas verdadeiros, com fadas propícias e lindas princesas adormecidas no bosque. E há os poetas. Os poetas que escrevem em verso e os que escrevem em prosa. Até os poetas que não escrevem, os bissextos, como Hermenegildo Chaves, que prefere ser quase sempre, como no conceito de Zuceig – um poeta de sua vida. Esta notícia é sobre um poeta. Um poeta que faz prosa, da prosa de melhor quilate que há no país – Gilberto de Alencar. O escritor mineiro, que vive em Juiz de Fora, com o amor e fidelidade à nossa cidadezinha do Paraibuna, acaba de entregar a edição de um romance de Minas: **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Temos pormenores sobre essas ‘Memórias’. O Sr. Gudesteu é um tipo de mineiro que resolveu interpretar seus contemporâneos. Data de há meio século. Memorialista atirado, vive perturbado pelo contraste entre duas épocas. A crônica que nos dá fixa as antinomias entre o ‘seu’ tempo e a época atual. Para os que conheceram a velha Minas fim-de-século, estas memórias do Sr. Gudesteu vão interessar sobremaneira. Vão reviver o bom velho tempo, e eles reviverão com esse tempo. Para os que são mais jovens, o livro de Gilberto de Alencar valerá como o depoimento sensacional de um dos mais belos espíritos que já deram lustre às letras mineiras, um testemunho brilhante sobre duas fases interessantíssimas da vida montanhesa. Imagino desde já a ansiedade com que está sendo aguardado o novo livro de Gilberto de Alencar, que nos deu, por último, aquele admirável retrato de Ouro Preto – **Cidade do sonho e da melancolia**”.

Consta ainda, na pasta de nº 27, um recorte do extrato do artigo supracitado, publicado no jornal **Diário do Comércio**, em São João del-Rei, em 10/11/1946.

**Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XXXV, nº. 10223, 01/12/1946, p. 1, nota intitulada **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**:

“Lançado ontem o novo livro de Gilberto de Alencar. Foi posto a venda ontem nas livrarias locais o romance do Sr. Gilberto de Alencar **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. [...] **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** é o primeiro romance escrito e editado em Juiz de Fora, e da sua primeira edição foram tirados mil e cem exemplares”.



---

**Diário da Tarde**, Juiz de Fora, ano V, nº. 1375, 02/12/1946, p. 1, nota intitulada **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**:

“Lançado sábado o novo livro de Gilberto de Alencar. Foi posto à venda sábado, nas livrarias locais o romance do Sr. Gilberto de Alencar **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**”.

<sup>54</sup> Refere-se a volumes do romance.

<sup>55</sup> Jornalista, cronista e escritor mineiro conhecido pelos pseudônimos de Gato Felix, do jornal **Estado de Minas**. Nasceu na atual Conselheiro Lafaiete, em 9 de novembro de 1897. Principais obras: **Memórias de um dentista fracassado**; **República decroly** (1935); **O espírito de Antonio Carlos** (1946, 2. ed. 1954). Faleceu em 1979 (DUARTE, 2010, p. 283).

<sup>56</sup> Ver nota 25.

<sup>57</sup> Ver nota 19.

<sup>58</sup> Francisco de Sales Oliveira foi juiz do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais e membro da Academia Mineira de Letras (1900-1968), o primeiro sucessor de Machado Sobrinho, ocupando a Cadeira nº 31, cujo patrono era Lucindo Filho. Disponível em: <[www.academiamineiradeletras.org.br/cadeira.asp](http://www.academiamineiradeletras.org.br/cadeira.asp)>. Acesso em: 11 set. 2012.

06 (Campomizzi Filho)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: "Ubá, 1º de março de 1947"; assinatura autógrafa a tinta preta; datiloscrito; em papel timbrado, com os dizeres Ginásio S. José, Ubá-Minas, sem pauta, 1 folha, com duas perfurações ao centro; medindo 20,7 x 27 cm.

---

<sup>59</sup> Ver nota 9.

---

<sup>60</sup> Conforme recorte sem paginação, arquivado na pasta de nº 27, do acervo da família Alencar, foi possível conhecer a crônica intitulada “Flagrantes”, escrita por Campomizzi Filho, no periódico **Folha do Povo**, de Ubá, e transcrita no periódico **Diário do Comércio**, de São João del-Rei, em 18/02/1947, elogiando o romance de Gilberto de Alencar:

“A leitura agradável dos capítulos bem traçados, a pureza de linguagem do estilista, o belo dos períodos delineados com espontaneidade situam o romance num lugar de destaque na moderna literatura nacional. Há no livro alguma coisa de real. Quantos Gudesteus existem por aí, inconformados ante a situação aflitiva do nosso tempo. [...] É uma obra digna de ser lida e de pertencer às estantes mais exigentes”.

<sup>61</sup> Ver nota 19.

<sup>62</sup> Joaquim de Siqueira, residente na cidade de Ubá, MG, mantinha um estabelecimento que tinha como atividade o comércio de livraria e papelaria, mantendo, em anexo, uma tipografia, conforme p. 27, Seção 1, DOU, de 22/01/1947. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br>>. Acesso em: 11 set. 2012.

<sup>63</sup> Exemplares do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

<sup>64</sup> Ver nota 62.

<sup>65</sup> José Campomizzi Filho nasceu em Ubá, em 14 de dezembro de 1923, e faleceu em 14 de setembro de 1987. Foi promotor de justiça, escritor, poeta, crítico literário e professor, tendo contribuído com trabalhos para os jornais **Folha de Minas** e **Estado de Minas**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/24022006>>. Acesso em: 3 ago. 2012.

07 (Martins de Oliveira)

## DOCUMENTO RESERVADO

Cartão datado: “Viçosa, 27-VIII-47”; manuscrito; com os dizeres impressos: “Martins de Oliveira Juiz de Direito, ao centro, Viçosa, no canto inferior esquerdo e Minas, no canto inferior direito”; assinatura autógrafa a tinta preta; com marca de clips ao centro superior; frente e verso medindo 5,5 x 9,5 cm.

---

<sup>66</sup> Ver nota 9.

<sup>67</sup> Cândido Martins de Oliveira Junior (1896-1975) foi desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais e também membro da Academia Mineira de Letras. Disponível em: <<https://www.patriamineira.com.br>>. Acesso em: 3 ago. 2012.

<sup>68</sup> Ver nota 19.

<sup>69</sup> Ver nota 67.

<sup>70</sup> Gilberto de Alencar enviou dois exemplares do romance à mesma pessoa.

08 (Agrippino Grieco)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: "Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1948"; assinada: "Agrippino Grieco"; forma de tratamento: "Gilberto de Alencar"; datiloscrita a tinta preta; papel amarelado pelo tempo, sem pauta; 2 folhas; medindo 20,0 x 10,6 cm.

---

<sup>71</sup> Ver nota 9.

<sup>72</sup> Ver nota 19.

<sup>73</sup> A pesquisadora procurou em jornais da época alguma nota sobre esse encontro de Agrippino Grieco e Gilberto de Alencar em Juiz de Fora, mas não foi localizado o registro desse acontecimento. Somente foi encontrado um registro de uma conferência realizada por Grieco em Juiz de Fora, em 1925, em que é mencionada uma foto em que Gilberto de Alencar aparece à sua esquerda, juntamente com um grupo. Esta informação consta em publicação da Biblioteca Nacional, de 1969, quando da Exposição comemorativa do 80º ano do nascimento de Agrippino Grieco.

Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1285854.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285854.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2012.

<sup>74</sup> Ver nota 19.

<sup>75</sup> Acredita-se que seja Gilberto de Alencar, uma vez que ele era mineiro.

<sup>76</sup> É possível que seja um riacho de Santos Dumont.

<sup>77</sup> Pode-se inferir que seja Agrippino Grieco, uma vez que ele nasceu em Paraíba do Sul, no estado do Rio de Janeiro.

<sup>78</sup> Raul D'Avila Pompéia, aos 10 anos de idade, foi internado no Colégio Abílio, que era conhecido como uma das melhores escolas da Corte por possuir a mais avançada pedagogia do Império. Esse colégio recebia alunos de todo o país. Estes eram instruídos de acordo com os princípios da classe dominante: monarquismo, catolicismo, escravismo, entre outros. Foi ali que Raul Pompéia começou, realmente, sua vida, em meio a rígidas normas de conduta e hipocrisia. Essa vivência marcou-o profundamente e inspirou sua obra mais importante, **O Ateneu** (POMPÉIA, 1998, p. 2).

<sup>79</sup> Refere-se ao episódio da narrativa **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, em que Gudesteu reencontra Marta, ao retornar à cidade de Carandaí:

“Então a proprietária da padaria foi a moça mais bonita daqui?

– D. Marta? E’ o que todos dizem, não é do meu tempo não.

– Marta! Ela chama-se Marta?

– D. Marta sim. Olhe, é aquela atrás do balcão, servindo os fregueses. Está vendo? Olhe, agora está falando no telefone. [...]

– Estou vendo sim. Parece bem velha, bem acabada...

– Aquilo é desgosto causado pelo ordinário do marido [...].

Não tomo o caminho do hotel coisa nenhuma, ponho-me a dar voltas pela rua, sem ver ninguém, sem olhar o que vai em torno. Marta... O marido de Marta... Sabem quem é mesmo o marido de Marta? E’ aquele menino que não gostava de mim, que vivia a implicar comigo por tudo e por nada, aquele menino que me fez matar o Azeviche. O dono do gato amarelo... Não se lembram mais do gato amarelo?

Tento entrar na Padaria Nova uma, duas, três vezes, mas a coragem não vem. Tomo enfim a brusca decisão dos tímidos, que é bem mais um ímpeto irrefletido do que um desígnio meditado, e vejo-me de repente junto ao balcão, simulando uma indiferença que o rubor ou a palidez do rosto deve de estar desmentindo, contendo a custo o fundo abalo interior, compondo com esforço o semblante e os gestos. [...]

– O senhor deseja? E’ a voz de Marta, juro que sim, é a sua voz que vem de longe, do fundo do tempo, voz cujo timbre puro o tempo não conseguiu malsinar, como implacavelmente malsinou o resto.

– O senhor deseja? E’ a sua voz, decerto, mas tudo o mais é uma ruína pungente, sob a qual procuro em vão descobrir um só traço, um só vestígio da beleza antiga e para sempre morta, da beleza que apenas vivia na minha lembrança e nela agora nunca mais viverá...” (ALENCAR, 1957, p. 317-319).

<sup>80</sup> Segundo Bosi (1994, p. 388-389): “Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como ‘a era do romance brasileiro’. E não só da ficção regionalista, que deu os nomes já clássicos de Graciliano, Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo; mas também da prosa cosmopolita de José Geraldo Vieira, e das páginas de sondagem psicológica e moral de Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Otávio de Faria e Cyro dos Anjos”. Ainda, o autor informa que “O Nordeste, de onde vieram os clássicos do neo-realismo, tem concorrido com uma copiosa literatura ficcional, que vai do simples registro de costumes locais à aberta opção de crítica e engajamento que as condições da área exigem” (BOSI, 1994, p. 426).

<sup>81</sup> Embora o crítico literário faz a promessa ao escritor mineiro nesta carta, o mesmo já havia escrito sobre Gilberto de Alencar anteriormente. Na obra intitulada **Evolução da prosa brasileira**, publicada no Rio de Janeiro, pela editora Ariel, Agrippino Grieco (1933, p. 113-114) afirma:

“E tudo isto justifica o entusiasmo que à memória de Arthur Lobo consagra o sr. Gilberto de Alencar, um amoroso de Marília de Dirceu e um voluptuoso das ruínas de Ouro Preto, cidade do sonho e de lenda em que ele enxerga uma espécie de Bruges montanheza de Minas”.

Gilberto de Alencar (1971, p. 13), em seu livro **Cidade do sonho e da melancolia**, descreve a cidade de Ouro Preto do seguinte modo:

“Ouro Preto surpreendera-o pela beleza severa da paisagem, pelo inesperado e grandioso da topografia atormentada, pela imponência das serrarias [sic] ciclópicas, pelo ambiente saturado de poesia e de saudade. Há lugares célebres, na história e na lenda, que causam decepções. A imaginação veste-os de tamanhos encantos, dá-lhes uma fascinação tão grande, que, afinal, não correspondem êles nunca à ideia que se havia feito”.

<sup>82</sup> Nasceu em dia 15 de abril de 1875, na cidade situada no sul de Minas Gerais, Ouro Fino, e faleceu em 10 de abril de 1948, pouco antes de completar 73 anos. Publicações: **Pontes & Cia.** (1912), segundo lugar no prêmio da Academia Brasileira de Letras daquele ano; **Bom viver** (1917). (DUARTE, 2010, p. 201).

<sup>83</sup> Godofredo Rangel nasceu em 21 de novembro de 1884, e faleceu no dia 4 de agosto de 1951, na capital mineira, aos 66 anos. Principais publicações: **Vida ociosa**: romance da vida mineira (1920); **Andorinhas** (1922); **A filha** (1929) (DUARTE, 2010, p. 173).

<sup>84</sup> Poeta, escritor e jornalista mineiro, Artur Lobo nasceu em 9 de setembro de 1869, em Coração de Jesus. Algumas publicações: **Evangelhos, ritmos e rimas, kermesse** (CARVALHO, 1994, p. 35).

<sup>85</sup> Agrippino Grieco nasceu em 1888, em Paraíba do Sul, RJ, e faleceu em 1973, no Rio de Janeiro. Poeta, crítico e ensaísta, que se notabilizou pela verve satírica, que o fez admirado e também temido por suas críticas ferinas. Tornou-se um dos mais respeitados escritores brasileiros. Entre suas publicações, citam-se: o livro de contos **Estátuas mutiladas** (1913), **Evolução da poesia brasileira** (1932), **Evolução da prosa brasileira** (1933) e **Poetas e prosadores do Brasil** (1968). Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AgripGri.html>>. Acesso em: 3 set. 2012.

09 (Sylvio Abreu)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: “B. Hte. 8 de set. de 1955”; manuscrita; em papel timbrado da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais; tinta preta; com duas folhas; com duas perfurações na margem esquerda; com marca de clips no canto superior esquerdo; assinatura autógrafa; medindo 20 x 23 cm, amarelada pelo tempo.

---

<sup>86</sup> Ver nota 9.

<sup>87</sup> Livraria Oscar Nicolai Ltda., situada em Belo Horizonte à época. Segundo Otto Lara Resende, Oscar Nicolai nasceu em Buenos Aires e, aos oito meses, foi para Porto Alegre. Em 1930, instalou-se em Belo Horizonte como representante da editora Globo. Era impossível importar livros da Europa, sobretudo da França, por causa da guerra. Com um espaço de catedral, a Livraria Nicolai tinha tudo



---

que editava no Brasil e abriu um horizonte para a América Latina, em particular, para Argentina, Chile e México. Disponível em: <[http://www.releituras.com/i\\_hals\\_olresende\\_imp.asp](http://www.releituras.com/i_hals_olresende_imp.asp)>. Acesso em: 30 set. 2012.

<sup>88</sup> **Misael e Maria Rita**, romance, 1ª edição, de 1953, editora Montanheza, de Juiz de Fora; 2ª edição, póstuma, de 1962, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte. Com esse livro, Gilberto de Alencar foi agraciado com o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, em 1953. Na obra, o autor retrata as terras de Minas:

“As terras do município, como quase tôdas as terras de antigas minerações, eram más para a lavoura, férteis apenas em carrascaes e macegas, que as soalheiras calcinavam, e disto provera a decadência da cidade após a febre do ouro. Decadência econômica e não demográfica, que a pobreza parecia, ao contrario, engendrar a fecundidade” (ALENCAR, 1953, p. 118).

<sup>89</sup> Ver nota 88.

<sup>90</sup> Ver nota 19.

<sup>91</sup> Sílvio de Andrade Abreu foi deputado estadual em Minas Gerais, no período 1951 a 1955. Disponível em: <<http://consulta.almg.gov.br>>. Acesso em: 3 set. 2012.

10 (Mário Matos)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: "Belo Horizonte, 19 de 12 de 1955"; manuscrita; em papel timbrado do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, com timbre, cidade e início da data impressos; com assinatura autógrafa; em duas folhas, frente e verso; medindo 17 x 23,4 cm; amarelada pelo tempo.

---

<sup>92</sup> Ver nota 9.

<sup>93</sup> Ver nota 28.

<sup>94</sup> Nasceu em Santa Bárbara, MG, em 25 de dezembro de 1879, e faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de abril de 1968. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=38&sid=128>>. Acesso em: 3 set. 2012.

<sup>95</sup> Acredita-se que seja o romance **Memórias sem Malícia de Gudesteu Rodovalho**, em razão da data da carta, próxima à data da segunda edição da obra, em 1957.

<sup>96</sup> Estabelecida no mercado desde 1931.

Disponível em: <[http://www.record.com.br/grupoeditorial\\_editora.asp?id\\_editora=3](http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=3)>. Acesso em: 4 set. 2012.

<sup>97</sup> Ver 24.

<sup>98</sup> Fundada na cidade de Juiz de Fora, em 25/12/1909. Disponível em: <<http://www.academiamineiradeletras.org.br>>. Acesso em: 3 set. 2012. Conforme Christo (1994, p. 15-16):

“A sessão inaugural da AML deu-se em 13 de maio de 1910, no Teatro de Juiz de Fora, a que compareceram todas as autoridades do município e os representantes do governo de Minas e da imprensa do Rio, de Belo Horizonte e da própria cidade. [...] Os critérios de admissão são profundamente subjetivos, e em nada diferem dos adotados pela ABL, ou seja, ‘... que tenham publicado obras de real valor literário, em qualquer gênero, ou científicas de reconhecido mérito’. Supõem-se a adoção também de critérios informais como os contatos estabelecidos através das múltiplas atividades profissionais, no mesmo período de formação escolar”.

<sup>99</sup> Antônio dos Santos Torres nasceu em Diamantina, MG, em 31 de outubro de 1885, e faleceu em 16 de julho de 1934. Foi poeta, romancista, crítico e jornalista. Algumas publicações: **Verdades indiscretas** (1920), **Pasquinadas cariocas** (1920) e **Prós e contras** (1920) (DUARTE, 2010, p. 74).

<sup>100</sup> Livro de Antônio Torres, publicado em 1920, composto por uma reunião de crônicas de jornais escritas por ele em 1919.

<sup>101</sup> Valor pago aos acadêmicos.

<sup>102</sup> Cr\$ 200,00, em dezembro de 1955, correspondem, em valores atuais, a R\$ 75,17 (jul. 2012), corrigidos pelo Índice Geral de Preços (IPC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

<sup>103</sup> Refere-se às cartas de Lafaiete, uma possível publicação da Academia Mineira de Letras que não foi localizada, conforme entrevista à Bibliotecária da Academia, Sra. Marília Moura Guilherme, em 14 de setembro de 2012.

<sup>104</sup> Refere-se à crônica intitulada “Usemos os cotovelos”, que Gilberto de Alencar escreveu na coluna *Preto & Branco*, no periódico **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XLIV, nº 12834, p. 2, em 24 de setembro de 1955:

“O desprestígio de Minas Gerais nos derradeiros tempos, não tem sido apenas político e econômico. Tem sido também literário. [...] registre-se desde logo que o melhor estudo, ou um dos melhores sobre o pai de Capitu, por ocasião do seu centenário, se deve justamente ao mineiro Mario Mattos [sic]. Por que não está Mario Mattos [sic] no Petit Trianon? Dir-se-á que a eleição para a Academia Brasileira de Letras depende da inscrição dos candidatos e que os mineiros não se inscrevem por modéstia, por não desejarem a honra ou por outro motivo qualquer. [...] A época é dos que avançam a cotoveladas. E quem não usar os cotovelos vai ficando para trás...”

---

<sup>105</sup> Academia Brasileira de Letras.

<sup>106</sup> Observa-se que houve certa resistência dos escritores mineiros em relação à produção dos escritores nordestinos.

<sup>107</sup> Belo Horizonte, capital mineira.

<sup>108</sup> Pela data, pode-se inferir que esteja fazendo uma alusão ao romance **Tal dia é o batizado**, publicado em 1959, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte.

<sup>109</sup> Editora de Belo Horizonte. A Livraria Itatiaia funcionava no prédio nomeado Parc Royal e era frequentada pela alta inteligência mineira, de propriedade dos irmãos Vivaldi, Pedro Paulo e Edison Moreira. Ao segundo andar, só tinha acesso os amigos íntimos, pois era a residência de Edison Moreira. Era lá que se discutia literatura e pensava-se sobre as sucessões da Academia Mineira de Letras. Disponível em: <<http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000103.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

<sup>110</sup> Ver nota 99.

<sup>111</sup> Ver nota 21.

<sup>112</sup> Sofia Áurea do Espírito Santo.

<sup>113</sup> Fernando de Alencar, Cosette de Alencar, Emília de Alencar, Maria da Conceição Alencar e Heitor Alencar.

<sup>114</sup> Ver nota 25.

11 (Mário Matos)

DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: “Belo Horizonte, 22 de março de 1957”; manuscrita a tinta preta; assinatura autógrafa; em papel com timbre do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, local e parte da data datiloscritos; frente e verso; em quatro folhas; com duas perfurações ao centro; medindo 17 x 23,5 cm; amarelada pelo tempo.

---

<sup>115</sup> Ver nota 9.

<sup>116</sup> Ver nota 28.

<sup>117</sup> Cr\$ 3.500,00, em março de 1957, correspondem, em valores atuais, a R\$ 1.008,48 (jul. 2012), corrigidos pelo Índice Geral de Preços, da Fundação Getúlio Vargas.

<sup>118</sup> José Oswaldo de Araújo nasceu em 11 de março de 1887, em Dores do Indaiá, MG, e morreu em Belo Horizonte, MG, em 13 de fevereiro de 1975. Foi poeta, jornalista, professor universitário, advogado, empresário e prefeito de Belo Horizonte. Lançou os livros **Palavras que lembram momentos amáveis** (discursos) e **Instantes de ternura** (crônicas). Disponível em: <<http://www.ufmg.br/aem/colecoes/colecoes.swf>>. Acesso em: 11 set. 2012.

<sup>119</sup> Ver nota 24.

<sup>120</sup> Gustavo Corção Braga, jornalista e escritor, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, e faleceu no Rio de Janeiro, aos 81 anos. Assíduo colaborador dos periódicos: **Tribuna da Imprensa**, **Diário de Notícias** e **O Estado de S. Paulo**. Principais obras: **A descoberta do outro** (1944), **Três alqueires e uma vaca** (1945) e o romance **Lições de abismo** (1950). Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/GustCBra.html>>. Acesso em: 11 set. 2012.

Conforme recorte sem paginação, arquivado na pasta de nº 27, do acervo da família Alencar, Gustavo Corção escreveu no periódico **Diário de Notícias**, Rio, Suplemento Literário, domingo, 10 de março de 1957, o seguinte texto sobre o romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodvalho**:

“De onde vem o encantamento dessas evocações? Não creio que venha todo da matéria lembrada, que a mim pouco diz. Não sou mineiro; e pôsto que na idade ande pouco atrás da velhice do autor, não sou propenso a saudades, e muito menos a saudade dos costumes de província, que só conheci homem feito. Mas o fato é que Gilberto Alencar conseguiu mudar meu coração e fazer-me sentir o que êle viveu no mundo em que não vivi. De onde vem a fôrça dêsse filtro? Creio que vem de uma

coisa a que se dá hoje um valor diminuído: a qualidade da linguagem, que nesse livro tem o sabor dos clássicos, e a excelência dos melhores. [...] O romance de Gilberto de Alencar, que em boa hora a Editora AGIR tirou do esquecimento, nada fica a dever, creio eu, ao de Fernando Sabino”.

<sup>121</sup> Órgão político e noticioso do Rio de Janeiro, que surgiu em 12 de junho de 1930. Disponível em: <<https://www.bibliotecno.com.br>>. Acesso em: 3 set. 2012.

<sup>122</sup> Ver nota 19.

<sup>123</sup> Prêmio Nobel de Literatura em 1947. Principais obras: **Os moedeiros falsos** (1925), **O imoralista** (1902) e **Os subterrâneos do Vaticano** (1914). Disponível em: <<https://www.netsaber.com.br>>. Acesso em: 3 set. 2012.

Na obra **O pacto autobiográfico de Rousseau à internet**, de Philippe Lejeune, organizada por Jovita Maria Gerhein Noronha (2008, p. 42), Lejeune cita André Gide, “As Memórias só são sinceras pela metade, por maior que seja a preocupação com a verdade: tudo é sempre mais complicado do que dizemos. Talvez se chegue mesmo mais perto da verdade no romance”. GIDE, André. **Si Le grain ne meurt**. Paris: Gallimard, 1972. p. 278.

<sup>124</sup> Pode-se inferir que Mário Matos esteja fazendo uma alusão à estrofe 153, do Canto X, de Camões no poema épico:

“De Formião, filósofo elegante,  
Vereis como *Annibal* escarnecia,  
Quando das artes bélicas, diante  
Dele, com larga voz tratava e lia.  
A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando” (CAMÕES, [19--?], p. 337).

<sup>125</sup> Ataliba Lago era poeta, ensaísta, jornalista, comerciante, advogado, político e professor. Nasceu em Além Paraíba, MG. Algumas publicações: **Grãos de areia** (poesia, s.d.); **Vinte sonetos** (poesia, 1952); **Falas e conselhos** (ensaios, 1956) (DUARTE, 2010, p. 80-81).

<sup>126</sup> Ver nota 98.

<sup>127</sup> Refere-se à votação na Academia Mineira de Letras.

<sup>128</sup> Pela proximidade da data, pode-se inferir que seja o livro **Falas e conselhos**, ensaios publicados em 1956, conforme nota 125.

<sup>129</sup> Refere-se à filha de Gilberto de Alencar, Cosette de Alencar.

<sup>130</sup> Mário Matos, em carta endereçada a Cosette de Alencar, Belo Horizonte, de 25/10/1960, finaliza a missiva com o seguinte texto: “Maria agradece-lhe as saudações, retribuindo-as”. Em carta datada Belo Horizonte, 05/03/1961, também finaliza com as palavras: “Maria manda a você e sua mãe minhas lembranças, visita a seu am<sup>o</sup> e admor. Mário Matos”. Na biografia do escritor Mário Matos, esta informação não foi localizada. Com base no exposto acima, pode-se inferir que, possivelmente, parte do nome de sua esposa seja Maria Matos.

12 (Martins Oliveira)

DOCUMENTO RESERVADO



Carta datada: “Belo Horizonte, 7 de junho de 1960”; datiloscrita; em papel timbrado da Academia Mineira de Letras, com os dizeres: “Academia Mineira de Letras, 1909-1959, Fundada em 25 de dezembro de 1909”; com marcas de dobras ao centro; com duas perfurações à esquerda; com assinatura autógrafa; medindo 21,5 x 32 cm.

<sup>131</sup> José Oswaldo de Araújo foi tesoureiro da Academia Mineira de Letras.

<sup>132</sup> Há pouco mais de cem anos, Ouro Preto deixava de ser a capital de Minas Gerais. Nascia, então, uma nova cidade, inteiramente planejada e construída para ser a capital do estado. Era Belo Horizonte. Disponível em: <[https://www.pbh.gov.br/historia\\_bairros/pampulhacompleto.pdf](https://www.pbh.gov.br/historia_bairros/pampulhacompleto.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2012.

<sup>133</sup> Cr\$ 3.000,00, em junho de 1960, correspondem, em valores atuais, a R\$ 452,40 (jul. 2012), corrigidos pelo Índice Geral de Preços, da Fundação Getúlio Vargas.

<sup>134</sup> Ver nota 118.

<sup>135</sup> Ver nota 19.

<sup>136</sup> Refere-se à **Antologia** da Academia Mineira de Letras, uma possível publicação que não foi localizada, conforme entrevista à Bibliotecária da Academia, Sra. Marília Moura Guilherme, em 14 de setembro de 2012.

<sup>137</sup> **Tal dia é o batizado**, romance de Gilberto de Alencar. Uma única edição em vida do autor, de 1959. As outras, póstumas, de 1972 e de 1981, todas publicadas pela Itatiaia, de Belo Horizonte. É um romance sobre Tiradentes, em que Gilberto de Alencar, com muita sensibilidade, conta a história desse herói brasileiro, misturando ficção e realidade:

“AS REUNIÕES REALIZAVAM-SE por último num prédio isolado, existente no morro do Cruzeiro, à margem direita do córrego do Funil. Além de isolada, a casa era desabitada, o que contribuía, não pouco, para adensar o véu de mistério e de receio que vinha envolvendo Vila Rica. Que iriam fazer, de noite, naquela casa afastada e sem moradores, todos aqueles homens que para ela se dirigiam às escondidas, como malfeitores, esgueirando-se por becos e esquinas? E que significavam os capotes em que se metiam, apesar de não haver chegado ainda a época do frio? Tiradentes foi dos primeiros a chegar à casa do morro, na noite marcada. Com pouco chegaram os outros. Cláudio Manuel leu o esboço das leis que deveriam ser adotadas, trabalho dêle, de Gonzaga e do cônego Luís Vieira, tendo o alferes reclamado contra o não aproveitamento de várias de suas sugestões, entre elas a de se proporcionar um auxílio às famílias numerosas [...]” (ALENCAR, 1972, p. 202).

<sup>138</sup> Ver nota 19.

<sup>139</sup> Refere-se a São João del-Rei.

<sup>140</sup> Nasceu no dia 17 de dezembro de 1921, em Três Corações (MG), e faleceu em 18 de abril de 2003, em Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2012.

<sup>141</sup> Nasceu no dia 7 de janeiro de 1872, na Fazenda da Reserva – Vargem Grande, município de Juiz de Fora, e faleceu em Vargem Grande, no dia 31 de março de 1937. Seu primeiro livro, intitulado **Montezinas**, foi prefaciado por Batista Ramos (DUARTE, 2010, p. 93).

<sup>142</sup> Antônio Alcântara Amanajós de Araújo, mineiro, nasceu em Pouso Alto. Era jornalista, escritor e advogado. Sua produção concentrou-se em contos, obras técnicas e palestras literárias (CHRISTO, 1994, quadro I).

<sup>143</sup> Nasceu em 11 de dezembro de 1865, no Rio de Janeiro, e morreu nessa cidade, em 30 de abril de 1909. Publicou inúmeras crônicas nos jornais **O Contemporâneo**, de Sabará, e **O Pharol**, de Juiz de Fora. Disponível em: <[http://www3.cultura.mg.gov.br/arquivos/Bibliotecas/File/sub\\_artigo-para-aula-na-biblioteca-julho.pdf](http://www3.cultura.mg.gov.br/arquivos/Bibliotecas/File/sub_artigo-para-aula-na-biblioteca-julho.pdf)>. Acesso em: 3 set. 2012.

---

<sup>144</sup> Nasceu em Juiz de Fora, MG, em 22 de maio de 1870, e faleceu em 1900. Era poeta, jornalista e comediógrafo. Em vida, publicou apenas o livro **Luares**, em 1892 (DUARTE, 2010, p. 301).

<sup>145</sup> Ver nota 136.

<sup>146</sup> A Confederação Nacional da Indústria (CNI) é a instituição máxima de organização do setor industrial brasileiro. Disponível em: <<http://www.portaldaindustria.com.br>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

<sup>147</sup> Abreviatura da palavra atencioso.

<sup>148</sup> Abreviatura da palavra amigo.

<sup>149</sup> Ver nota 67.

13 (Mário Matos)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta manuscrita a tinta preta; em três folhas com numeração ordinal ao centro a partir da segunda; com duas perfurações ao centro; assinatura autógrafa, medindo 16 x 23,5 cm. Embora o documento esteja sem data e local, pela leitura de outras cartas deste signatário e pelo teor do assunto tratado, pode-se inferir que seja referente ao ano de 1946 e o local seja Belo Horizonte.

Conforme já mencionado nos critérios estabelecidos, a partir desta correspondência, serão registradas as cartas remetidas à escritora e filha do titular, Cosette de Alencar.

---

<sup>150</sup> Ver nota 19.

<sup>151</sup> Foi localizada a seguinte nota na revista **Alterosa**, de Belo Horizonte, mês de fevereiro de 1947, na seção Vitrine, por Cristiano Linhares, intitulada “Um livro para você”:

“[...] Ainda agora, o escritor mineiro, Gilberto de Alencar, que se dedicou às letras desde mocinho, acaba de publicar **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, que representa uma séria reconstrução da vida patriarcal do interior de Minas do século passado. É um livro que há de ficar. Bem escrito, contendo observações interessantíssimas do nosso *hinterland* com personagens de carne e osso, cheio de pensamentos finos a respeito dos choques do mundo, essas Memórias vêm colocar o autor, sem o menor exagêro, entre os grandes romancistas do Brasil. Há neste livro um alto depoimento humano, há nêle essa melancolia filosófica que unicamente se nota na pena dos grandes prosadores. Começa por ser admiravelmente escrito, vazado numa linguagem ao mesmo tempo correta e natural, que empolga o leitor. Certas páginas podem entrar para a antologia. As figuras são de uma realidade comovida e vivem a vida transposta da arte com um vigor humano cheio de sedução. Não tem havido o menor reclame desta obra, o que mostra a antiga modéstia de Gilberto de Alencar, que sempre foi recatado e cheio de pudor nessas coisas. Aqui nesta seção, que modéstia à parte, é um pequeno tribunal de justiça literária, recomendamos com confiança a leitura do romance de Gilberto, um dos melhores livros dêstes últimos tempos”.

<sup>152</sup> Refere-se a um artigo que Mário Matos prometeu escrever sobre o romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, já citado na nota 31. Foram feitas consultas em jornais da época e na Internet, com busca pelo nome do autor, obra e pelo nome de Mário Matos; contudo, não foi encontrado. Também no acervo da família Alencar, não consta nenhum indício desse artigo, a não ser na correspondência, fato este que conduz a pesquisadora a inferir que o citado artigo talvez não tenha sido escrito por Mário Matos.

<sup>153</sup> A partir da informação sobre a promessa de artigo, também mencionada na carta de Mário Matos, datada de 01/12/1946, pode-se inferir, embora a carta não seja datada, que o livro mencionado é **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

<sup>154</sup> Mário Matos publicou o livro de contos, intitulado **Casa das três meninas**, em 1949, conforme nota 25.

<sup>155</sup> Ver nota 19.

<sup>156</sup> Eduardo Frieiro nasceu em Matias Barbosa, MG, em 5 de julho de 1889, e faleceu em Belo Horizonte, em 23 de março de 1982, sem deixar filhos. Foi um intelectual de grande relevância no espaço cultural de Minas Gerais (DUARTE, 2010, p. 142-143).

<sup>157</sup> Ver nota 25.

14 (Eliseu Lopes)

# DOCUMENTO RESERVADO

Cartão datado: “4-VIII-60”; manuscrito a tinta preta; com assinatura autógrafa; amarelado; medindo 10 x 16,5 cm.

---

<sup>158</sup> Ver nota 129.

<sup>159</sup> Ver nota 40.

<sup>160</sup> Pode-se inferir que seja uma alusão a alguma obra de Rachel de Queiroz; todavia, em consulta ao acervo da família Alencar, não foram localizados indícios do que viria a ser esta “peça”.

<sup>161</sup> Frei Eliseu Lopes foi um frei da Ordem dos Dominicanos, que trabalhou no Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), favorecendo a leitura popular da Bíblia.

15 (Enrique Resende)

DOCUMENTO RESERVADO

DOCUMENTO RESERVADO

DOCUMENTO RESERVADO



Carta datada: “Rio, 22.IV.63”; manuscrita a tinta preta; em papel timbrado no canto superior esquerdo com os dizeres “Ministério da Fazenda” e brasão, em sete folhas, numeradas em algarismo romano ao centro na parte superior, a partir da segunda até a sexta; escrita só na frente; com assinatura autógrafa; amarelada pelo tempo; medindo 15,8 x 21,5 cm.

<sup>162</sup> Fazenda em que nasceu Enrique Resende, em Cataguases, MG.

<sup>163</sup> O professor Permínio Vasconcelos era o diretor do Colégio Vasconcelos, colégio interno em que Gudesteu Rodovalho foi estudar:

“O diretor Permínio achava que as matérias básicas não deviam ser confiadas a pessoas estranhas à família porque isso poderia pôr em risco a excelente reputação do estabelecimento.

– Quem quer vai, dizia êle, quem não quer manda.

Muito amigo dos provérbios, era raro que não os empregasse a todo o momento, para alicerçar as próprias opiniões, que considerava irrefutáveis.

As matérias básicas, no seu entender, eram o português, o latim e a aritmética. O resto não contava ou contava muito pouco” (ALENCAR, 1957, p. 79).

<sup>164</sup> O regente era Espiridião Matoso, que também se tornou grande amigo de Gudesteu:

“Espiridião Matoso teria quando muito vinte anos, não parecia alegre e a roupa preta como que lhe acentuava a melancolia. Míope e tatibitate, tornara-se logo vítima quase indefesa das zombarias dos alunos, que além do mais haviam percebido ser êle de coração bondoso, desvantagem enorme no seu caso. Não o respeitavam nem lhe tinham medo. E só a muito custo conseguia manter uma precária disciplina entre a meninada” (ALENCAR, 1957, p. 41).

<sup>165</sup> A vida de Gudesteu no colégio marcou o nascimento de grandes amizades, entre elas, Camarão, seu grande e fiel amigo:

“– Jacobeu, por que você não arranja com seu pai para ir passar as férias comigo em Cataguases? Não havia, no tom do convite, o alarde que muitos não sabiam disfarçar, mas a manifestação de um desejo sincero” (ALENCAR, 1957, p. 59).

<sup>166</sup> Refere-se a Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde, nascido em Dublin, no dia 16 de outubro de 1854, e falecido em 30 de novembro de 1900 (WILDE, 1961, p. 35).

<sup>167</sup> A referida citação foi consultada na **Obra completa** do autor pela pesquisadora, porém foi localizada uma citação diferente que descreve uma rosa: “– Que maravilhosa obra da sorte! – exclamou. Eis aqui uma rosa vermelha! Nunca vi rosa igual a esta em toda a minha vida. É tão bela que, estou certo, deve ter um comprido nome em latim”. É possível inferir que a frase original escrita pelo autor apresente divergências, por se tratar de tradução, razão pela qual não foi localizada pela pesquisadora (WILDE, 1961, p. 243).

<sup>168</sup> “Souberam-me maravilhosamente estas **Memórias**. Gilberto de Alencar é romancista excelente, escritor finíssimo, cuja obra, não se sabe por que mistério, até hoje não atravessara as fronteiras da província e não lhe dera o lugar a que ele tem direito entre os nossos ficcionistas” (Texto escrito por Rachel de Queiroz, extraído da contracapa da 2ª edição do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, de 1957).

<sup>169</sup> Refere-se ao texto de Cosette de Alencar publicado na contracapa da 4ª edição do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, em 1962.

“GILBERTO DE ALENCAR, que pode ser considerado como verdadeiro símbolo de escritor provinciano que se torna universal à força de talento genuíno, verdadeira vocação e invencível dedicação pelas letras, foi homem simples e modesto, inteiramente desprovido de ambição: dos setenta e quatro anos que passou neste mundo, os 58 anos últimos foram por êle inteiramente consagrados às letras, que amou e cultivou com extremos de eterno enamorado. Por elas, foi

abandonando todos os outros interesses: aposentou-se cedo de suas funções públicas, sacrificando-se materialmente para poder consagrar mais tempo à sua função de escriba. Em 1947, depois de ter apurado estilo e amadurecido uma visão do mundo, que sempre teve genuína e clara, escreveu, sem desígnio qualquer, e apenas para desafôgo de um desejo íntimo, o seu **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, romance autobiográfico, que pôde logo ser incorporado ao que de melhor, no gênero, possuíam as letras nacionais. Foi, então, “descoberto” pela crítica literária do país, que nele encontrou traços machadianos – o que sempre lhe acontece, quando depara com valores escoimados de vulgaridade e à margem do cotidiano. Teve um momento de glória, com o nome aparecendo nos jornais das capitais. Dinheiro, não ganhou nenhum com a aventura, visto como editara o livro à sua própria custa, lutando com mil dificuldades. Mas a experiência mostrou-lhe novo caminho a ser percorrido: entregou-se com delícia ao gênero para que revelara, de súbito, pendor inegável. Depois destas Memórias, deu-nos um verdadeiro ciclo de ficção mineira: seus Misael e Maria Rita, Reconquista e o Escriba Julião de Azambuja constituem já a melhor contribuição literária no terreno do conhecimento real destas Minas Gerais. São o retrato fiel da região, da paisagem humana, com valor documentário indiscutível – composto com pinceladas de artista sóbrio, senhor de seu instrumento e de seu talento. Tenho a impressão de que, em futuro próximo, quem quiser conhecer Minas Gerais não poderá deixar de apelar para os romances de Gilberto de Alencar. Refletem êles, com a sobriedade vocabular que os caracteriza, com a contida emoção das histórias que contam, com a visão perfeita da vida interiorana das cidadezinhas onde se desenrolam os enredos simples e humanos, a vida verdadeira da gente das alterosas. Do estilo de Gilberto de Alencar, que chegou a extremos de perfeição, o mais que se pode dizer é que entra direto no coração de qualquer tipo de leitor, tanto encantando aos cultos e requintados, como aos rústicos e poucos afeitos à leitura. Sendo assim, parece-nos que a Editôra Itatiaia, lançando agora êstes livros (**Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, Misael e Maria Rita e O Escriba Julião de Azambuja**), está a prestar sensível serviço às pobres letras nacionais: divulga obra que interessa a todo o País, servindo à cultura e ao nosso incipiente bom gosto. E presta justiça, a seu modo, à memória do mais dedicado, do mais assíduo, do mais desinteressado dos escritores dêste país. Juiz de Fora, maio de 1962”.

<sup>170</sup> Ressaquinha é a cidade em que nasceu Gudesteu Rodovalho:

“Vim ao mundo, aí por volta de 1882, no interior de Minas Gerais. Para ser mais preciso, nasci no povoado de Ressaquinha, onde os trilhos da Estrada de Ferro Dom Pedro II tinham acabado de chegar em busca das distantes terras do sertão bruto” (ALENCAR, 1957, p. 5).

<sup>171</sup> Novamente, referência aos escritores nordestinos, cujos romances despontavam na Literatura Brasileira, nas décadas de 1930, 1940/50, fato já relatado por três signatários. Ver notas 80 e 106.

<sup>172</sup> Citação presente na Bandeira de Minas Gerais, em latim, significa “Liberdade ainda que tardia”. É um verso extraído de um poema de Virgílio, poeta romano da Antiguidade. É interessante registrar também que Gilberto de Alencar escreveu o romance histórico **Tal dia é o batizado** sobre a Inconfidência Mineira. Tal dia é o batizado era uma senha que os inconfidentes iriam utilizar para indicar o dia do levante, citada no romance de Gilberto de Alencar.

<sup>173</sup> Nasceu em Ouro Preto, em 24 de junho de 1870, e faleceu em 15 de julho de 1921 (DUARTE, 2010, p. 44).

<sup>174</sup> Trecho extraído do capítulo 53 do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** (ALENCAR, 1957, p. 136). Enrique de Resende, possivelmente, refere-se a outra edição do romance.

<sup>175</sup> “Uma das matas das Três Pontes principiava na orla da várzea, à margem do córrego, e subia pela encosta do morro, até o tôpo. Logo que atravessavam o córrego pela pinguela, os camaradas alinhavam-se em frente à floresta, distanciados de quatro a cinco metros uns dos outros, formando o eito. As foices, primeiro, eram manejadas rente ao solo, horizontalmente, à direita e à esquerda, ceifando os arbustos e a vegetação rasteira, abrindo caminho e desfogando o espaço entre as árvores. Estas eram atacadas depois, em golpes seguidos, a dois palmos do chão e do lado de baixo. A cada golpe, a folhagem, em cima, estremecia tôda, num arrepio. À medida que o entalhe se aprofundava, entrando pelo cerne, ouviam-se estalidos secos e repetidos, das fibras que se rompiam.

O trabalhador, então, passava a golpear do lado oposto e o tronco, lentamente, começava a inclinar-se no sentido da descida do morro, até que a última pancada, certa e firme, provocava demorado rangido, semelhante a um grito de dor, e a árvore desabava com estrondo. [...] O aço reluzente dos machados mordida a casca espessa da árvore vetusta, penetrava-lhe o âmago resistente, enquanto as estilhas voavam longe” (ALENCAR, 1957, p. 151).

<sup>176</sup> *AS QUEIMADAS*

Dentro da noite  
enluarada,  
no alto da serra o bambual destrança  
a verde cabeleira, que se irisa  
de momento a momento,  
ao chamejar do incêndio, ainda distante,  
e na amplidão se lança,  
vergastada  
pelo vento.

.....

é a alma boa,  
a alma dorida e ingênua das queimadas,  
que mal-assombra as noites enluaradas  
do meu sertão... (RESENDE, 1957, p. 26-27).

<sup>177</sup> *FAZENDA DO ROCHEDO*

À medida que envelheço,  
mais e mais se me avivam na memória  
as paisagens da infância:  
povoam-me a retina, e fico a vê-las,  
tanto mais belas quanto mais remotas,  
a bailar na neblina da distância.

.....

Tudo nos aproxima... Todavia,  
guardas contigo um mundo de lembranças,  
que eu não desejo reviver jamais.  
Por isso é que me assalta êste receio,  
êste imenso receio de rever-te:  
– Rochedo! Hoje és um túmulo, e nada mais... (RESENDE, 1957, p. 31-35).

<sup>178</sup> **Reconquista**, romance de Gilberto de Alencar, edição única, póstuma, de 1961, publicada pela editora Itatiaia, Belo Horizonte, conforme nota publicada pela mesma, na contracapa da edição do livro:

“Mas RECONQUISTA é, sobretudo, uma exaltação da terra; é a história do homem que abandona o campo onde nasceu e se criou, para, depois de uma vida agitada na cidade, voltar à terra - para reconquistá-la ou ser por ela reconquistado”.

Em **Reconquista**, o autor traz informações sobre a história de Juiz de Fora:

“Chegou o grande homem a Juiz de Fora logo na semana subsequente e no mesmo dia da chegada falou ao povo no teatro que então existia na rua do Espírito Santo e que, alguns anos depois, quando a cidade trocou definitivamente a cultura artística e literária pelo fabrico de tecidos e meias, sem se falar em tôdas as demais indústrias, seria pôsto abaixo para nunca mais se reerguer” (ALENCAR, 1961, p. 18).

“A brava tropa de Juiz de Fora não marchava contra a tropa valente de Belo Horizonte, nem marchava esta contra aquela, ambas achando melhor deixar-se ficar cômodamente onde se encontravam, com a Mantiqueira de permeio, até que as coisas se aclarassem. A de Juiz de Fora, tôdas as noites, punha as metralhadoras em trabalho, assustando os habitantes com repetidas rajadas contra os matos próximos, num grande desperdício de munição, só para dar a entender que

não quedava inativa. Por último, enviado do Rio de Janeiro em trem especial, um canhão de grosso calibre atirava dia e noite, de meia em meia hora, para as bandas de Benfica, tal como se uma tremenda batalha estivesse travada, e os disparos soturnos espalhavam o espanto pela cidade inteira” (ALENCAR, 1961, p. 96).

<sup>179</sup> **O escriba Julião de Azambuja**, romance de Gilberto de Alencar, edição única, póstuma, de 1962, pela editora Itatiaia, Belo Horizonte. Refere-se à história de um escriba de reconhecido talento, Julião de Azambuja:

“MERGULHO FUNDO NOS LIVROS, durante horas esquecidas, assim de dia como de noite, porém subo à tona desencantado e abatido, que estas leituras modernas, tão elogiadas, nada tem que reconfortem, antes muito pelo contrario. Deprimem, não tonificam, e eu, se teimo em entregar-me a elas é porque vícios antigos nem o próprio demo os desarraiza. É também um pouco por querer ficar a par das novidades literárias. Como as novidades, originais ou traduzidas, vêm sempre é mesmo de Paris, digam lá o que disserem os americanófilos, nunca passo sem uma boa reserva de brochuras francesas, que me ponho a devorar para matar o tempo, nesta Várzea de Dentro em que, por meus pecados, só existem as conversas da Agência Ramos ou a dos velhos do Parque” (ALENCAR, 1962, p. 32-33).

<sup>180</sup> O artigo intitulado “Revivida a memória de Gilberto de Alencar no lançamento de seus novos livros”, foi publicado no periódico **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano LII, nº 15.001, última página.

No dia 3 de maio de 1963, na livraria Zappa, em Juiz de Fora, deu-se o lançamento de obras inéditas em memória do escritor romancista mineiro, Gilberto de Alencar, publicadas pela editora Itatiaia.

“A convite do prefeito Ademar Resende de Andrade, que prestigiou o ato, falou, primeiramente, o Magnífico Reitor da Universidade de Juiz de Fora, Dr. Moacyr Borges de Matos. Em brilhantes palavras relembrou para os presentes a figura notável de Gilberto de Alencar nas letras mineiras e a contribuição valiosa do romancista para a literatura pátria. Não deixou de interpretar, em nome de todos, os agradecimentos à editora Itatiaia pela projeção que vem dando às obras de Gilberto de Alencar, por sua reedição e o lançamento de outras inéditas, [...]. A professora Geralda Armond ofereceu, a seguir, ao editor Édson Moreira, da Itatiaia, e à filha de Gilberto de Alencar, a jornalista Cosette de Alencar, medalhões comemorativos do centenário de inauguração do castelo de Mariano Procópio, fato histórico celebrado pelo Museu local, recentemente. Os prêmios foram entregues aos agraciados, por mãos do Sr. prefeito municipal. [...] pela Academia Mineira de Letras - da qual Gilberto de Alencar fazia parte e pela editora Itatiaia, discursou o ‘Imortal’ Mário Campos que, em rápidas palavras, lembrou seu tempo em Juiz de Fora quando cursava odontologia, no Granbery, ocasião em que conheceu Gilberto de Alencar. Repassou para os presentes nomes dos mais ilustres homens de letras de nossa terra, congratulando-se por fim com todos pela promoção de continuar.”

<sup>181</sup> Livro de poesia de Enrique Resende publicado em 1964, pela editora J. Ozon.

<sup>182</sup> Augusto Meyer, jornalista, poeta, ensaísta, memorialista e folclorista, nasceu em Porto Alegre, RS, em 24 de janeiro de 1902, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de julho de 1970. Seus livros e outras produções posteriores foram depois reunidos em **Poesias** (1957). Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=289&sid=175>>. Acesso em: 3 set. 2012.

<sup>183</sup> No romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, Camarão, o grande amigo que Gudesteu conheceu no colégio interno, é da cidade de Cataguases, MG.

“– Seu pai é mesmo alfaiate?

– E’ sim.

– Pois o meu é português e tem casa de negócios em Cataguases.

– E’ longe?

– E’ bastante. A gente tem que viajar pela Central do Brasil e depois pela Leopoldina. Leva o dia inteiro” (ALENCAR, 1957, p. 44).

---

<sup>184</sup> **Retrato de Alphonsus Guimarães** – livro escrito por Enrique Resende, edição em 1938, pela editora José Olympio, e, em 1953, pelo Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação.

<sup>185</sup> É possível que se refira à compra de um apartamento que Cosette de Alencar pretendia fazer no Rio de Janeiro.

<sup>186</sup> Enrique Vieira de Resende nasceu entre 1886 e 1899, na Fazenda do Rochedo, em Cataguases, MG, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1973. Foi poeta, ensaísta, engenheiro e escritor. Publicou, entre outras obras, **Poemas cronológicos** (obra coletiva, 1964); **Cofre de xarão**, em 1933; **Retrato de Alphonsus de Guimaraens**, seu trabalho mais discutido e apreciado pela crítica, em 1957 (DUARTE, 2010, p. 150).

16 (Eduardo Frieiro)

# DOCUMENTO RESERVADO

Carta datada: "Belo Horizonte, 12 de setembro de 1965"; datiloscrito; com assinatura autógrafa a tinta preta; papel amarelado pelo tempo, sem pauta; 1 folha; medindo 20 x 29,5 cm.

---

<sup>187</sup> Cosette de Alencar mantinha colunas diárias no jornal **Diário Mercantil**, de Juiz de Fora.

<sup>188</sup> Cosette de Alencar escreveu duas notas literárias e as enviou a Eduardo Frieiro. A primeira, em 31 de agosto de 1965, intitulada “Branca Bela”, foi publicada na coluna “Canto de Página” do periódico **Diário Mercantil**, p. 2:

“Quando Geraldo França de Lima em 1964 publicou **Brejo Alegre**, não era um estreante nas letras nacionais, nem mesmo no gênero ficção, pois já havia publicado, em 1961, outro romance, aliás premiado como a revelação literária do ano “Serras Azuis”. Contudo ao aparecer **Brejo Alegre**, foi como se a crítica literária do país, a mais conceituada, tivesse descoberto o autor mineiro. Manoel [sic] Bandeira saudou o aparecimento do livro em versos, considerando-o uma “obra-prima, obra-prima” e irmã da do [sic] Rosa, a bossa do romancista. Agora, Geraldo França de Lima publica um terceiro romance, e este eu li de uma entrada realmente encantada. **Branca Bela** é um deleite. Não lembra nada do que a gente já tenha lido no gênero, tão explorado da vida mansa, e terrível das cidadezinhas do interior mineiro. É original. É lindo mesmo. Enquanto o li lembrei-me às vezes, sem saber a razão por que o fazia, do **Cabocla** de Ribeiro Couto. De comum, os dois romances só têm o ambiente. Mas existe nêles a mesma frescura, a mesma poesia, a mesma doçura, tudo tão unguido de graça e pureza que a leitura rescende a perfume de terra molhada e lembra molhos de cravos silvestres pela madrugada. Repito, é um encanto de livro. O autor não parece muito preocupado com a pureza da linguagem que usa, que é dêle mesmo. Escreve como se fala no cotidiano, mas tem talento. Até quando parece ter desprezado em excesso as normas comuns, fá-lo de maneira deliciosa e fresca. O livro não é livro: é estória que a gente lê, no fim com os olhos umidecidos. Os personagens são firmes e andam com as próprias pernas, a imundície da cidadezinha não enjoa demasiado, tanto é ingênua na sua frascarice: os pecados que se põe a nu, são os pecados da humanidade, e na moldura do burgo tranqüilo, não parecem tão asquerosos. De resto o romance entre a môça e o padre redime tudo, limpa tudo, eleva tudo: é um pleno vôo no azul. Pelo que deduzi da seleção crítica que acompanha o livro, é Geraldo França de Lima uma espécie de interprete do mundo que dorme no interior provinciano das Gerais: mas acho que, não tendo nem mesmo nomeado a cidade onde sua história se desenrola, não o fez por esquecimento, mas de propósito. [...] Todo o tempo em que o li lembrei-me de coisas boas e puras: orvalho da manhã, estrela vespertina, jasmim na madrugada, asa em vôo, que sei eu? Arte é isto, inspirar. Geraldo França de Lima é romancista autêntico. Dos poucos que temos em Minas Gerais”.

A segunda, escrita em 3 de setembro de 1965, intitulada “Letras”, foi publicada na coluna “Canto de Página” do periódico **Diário Mercantil**, p. 2:

“Um pouco a conselho de Ciro [sic] dos Anjos e muito por causa de seus naturais escrúpulos, resolveu o Enrique de Resende retirar sua candidatura a vaga de Salomão de Vasconcelos na Academia Mineira de Letras: é o que me diz na carta que dele ontem recebi. O autor do **Amanuense Belmiro**, o mais típico e o mais machadeano dos romances mineiros, segundo me informa o Enrique, teria achado excessiva uma derrota, previamente conhecida, para um escritor do porte do poeta de **A derradeira colheita**. Tem razão. Por estranha coincidência, recebi eu, dois dias atrás, uma carta, em que falava do mesmo assunto, de Eduardo Frieiro. Repetia-me ele o mesmo que já me dissera Vivaldi Moreira: A Academia não elegerá mais escritores que não residam em Belo Horizonte, mercê de um acordo feito entre seus pares. É também por causa da cabala que os candidatos de Belo Horizonte desenvolvem, tão logo tomam conhecimento da morte de um acadêmico: esta cabala, diz Mestre Frieiro, começa à bôca da tumba que recebe o morto, e é praticamente invencível. Que se há de fazer? Note-se que tanto Eduardo Frieiro quanto Ciro [sic] dos Anjos iriam votar, não obstante em Enrique de Resende: mas sabiam que sua derrota seria inevitável. O Enrique refletiu, acho que refletiu certo. Um candidato como ele, se derrotado, deixa mal a Academia: põe a nu um procedimento que se pode ser aceito como linha de conduta útil à sobrevivência da instituição, enfraquece-lhe o conceito e limita-lhe o horizonte. Este procedimento mais dia menos dia, terá que sofrer revisão. Talvez venha a sofrê-la justamente por causa do Enrique, cujo exemplo está doendo a muitos dos acadêmicos, que desejavam vê-lo vencer estas eleições. Por mim, continuo acreditando que sua oportunidade ainda virá. Vitórias difíceis trazem alegrias maiores a seus detentores. Diz-me ainda mestre Frieiro que está a terminar um livro, pretendendo outro começar. Isto é que são falas de um trabalhador incansável. Que venham estes livros, que honram nossa cultura, e marcam em relevo o lugar de Minas no panorama intelectual do país. Ainda no último domingo, para vencer uma indisposição, li a separata de “Kriterion” em que o autor do “Alegre Arc preste” estudou os “poetas satíricos mineiros”, é leitura que equivale a um curso sôbre o assunto. Só que é melhor que qualquer curso, ensinando não apenas a respeito do mesmo, mas ainda, e principalmente, sôbre como se pode tornar tal matéria tema vivo e interessante. É a prosa do autor que valoriza quanto lhe sai da

---

pena. Não tenha pena o Enrique, sua vez chegará. E não descansa a pena o Eduardo: o país precisa de sua atividade, acho que nesse momento mais do que nunca”.

<sup>189</sup> Ver nota 88.

<sup>190</sup> Azambuja, a que Eduardo Frieiro se refere, é o personagem Julião de Azambuja, da obra **O escriba Julião de Azambuja**, de Gilberto de Alencar.

<sup>191</sup> Ver nota 186.

<sup>192</sup> Ver nota 156.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta dissertação partiu do pressuposto de que os arquivos pessoais constituem-se em importante fonte de pesquisa, fato confirmado com o estudo das missivas que compõem o *corpus* deste trabalho.

Vários estudiosos pesquisados consideram a carta um registro testemunhal do momento cultural e histórico vivenciado pelos correspondentes. Este argumento foi sustentado pelo fato de a carta conter um registro pessoal desses acontecimentos. Pôde-se inferir e confirmar essa ideia, visto que a troca de correspondência oferece grande contribuição para elucidar o texto e o contexto literários, construídos a cada carta enviada ou recebida.

Essa forma de pensar foi também autenticada pela pesquisadora, ao constatar que o estudo das cartas correspondeu a um curso sobre literatura: foi a prática de um estudo, vivenciada por meio da escritura missivística, porque as cartas revelaram muitas informações que estavam guardadas na intimidade dos correspondentes.

Assim, a elaboração do presente estudo permitiu ampliar o conhecimento sobre os autores estudados, as dificuldades enfrentadas por eles quanto a publicação editorial, distribuição de obras publicadas, bem como divulgação das mesmas. Tomou-se conhecimento, inclusive, por meio do conteúdo das cartas, da existência de alianças político-literárias para se conseguir uma nota sobre a obra recém-publicada, escrita por um crítico respeitado em um jornal de grande circulação.

A riqueza de informações trazida pelo estudo do Arquivo Pessoal de Gilberto de Alencar e de Cosette de Alencar levou a pesquisadora a identificar e divulgar, por meio desta Edição anotada, algumas crônicas escritas em jornais dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Foi bastante curioso e inusitado conhecer a dificuldade enfrentada pelos mineiros, na busca pelo sucesso editorial: segundo alguns críticos missivistas, como Agrippino Grieco e Rachel de Queiroz, os nordestinos tomaram conta do mercado literário em construção no período do regionalismo brasileiro.

A Edição anotada elaborada nesta dissertação desvendou, além disso, alguns acontecimentos que fizeram parte de uma época, como a preocupação política de

alguns homens-intelectuais em ser membro da Academia Mineira de Letras. Este fato constituiu-se em uma intensa luta pelo poder.

As missivas da correspondência passiva de Gilberto de Alencar, bem como as de sua filha Cosette de Alencar, revelaram ao pesquisador e ao leitor importantes fatos históricos e sociais daquele período, na medida em que, como materiais que servem de testemunho do passado, fixaram registros que ultrapassam as fronteiras da amizade. A correspondência, sob este olhar, cumpre a função de ser um documento constituinte da formação de uma fortuna crítica em construção, como é o caso do escritor Gilberto de Alencar.

Finalizando estas considerações, pode-se afirmar que o estudo da correspondência e a constituição desta Edição anotada possibilitaram outra leitura do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, não só por meio da elucidação de situações e fatos, mas ampliando-lhe o sentido, quando esta leitura se refaz sob o olhar de Raul Pompéia, ao visitarmos, intertextualmente, **O Ateneu**. Foi fascinante participar deste processo!

## REFERÊNCIAS

ACERVO DE ESCRITORES MINEIROS. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, jun. 2007. Edição Especial.

ARQUIVO NACIONAL. **Manual de arranjo e descrição de arquivos**. Trad. Manoel Wanderley. Preparado pela Associação de Arquivistas Holandeses. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960.

AGRIPPINO, Grieco. **Evolução da prosa brasileira**. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

ALENCAR, Gilberto de. **Misael e Maria Rita**. Juiz de Fora: Montanheza, 1953.

\_\_\_\_\_. **Memórias sem Malícia de Gudesteu Rodovalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

\_\_\_\_\_. **Reconquista**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

\_\_\_\_\_. **O escriba Julião de Azambuja**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.

\_\_\_\_\_. **Memórias sem Malícia de Gudesteu Rodovalho**. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1970.

\_\_\_\_\_. **Cidade do sonho e da melancolia: impressões de Ouro Preto**. 2. ed. Juiz de Fora: Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, 1971.

\_\_\_\_\_. **Tal dia é o batizado**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

ANDRADE, Mário de. Epistolografia. **Diário Nacional**, São Paulo, p. 259-261, 28 set., 1930.

\_\_\_\_\_. **Cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda 1934-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ANDRADE, Mário de. O ateneu. In: \_\_\_\_\_. **Aspectos da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. p. 193-206.

ARTIÈRES, Philippe. Escrita de si/escrita da história. **Estudos Históricos Arquivos Pessoais**, Rio de Janeiro – Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (a teoria do romance). Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Unesp, 1993.

BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. **Letras da cidade**. Juiz de Fora: Funalfa, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CAMÕES, Luís. **Os lusíadas**. Organização de Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto, [19--?].

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2005.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, André; BARBOSA, Waldemar de Almeida Barbosa. **Dicionário biográfico imprensa mineira**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias. 1994.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad. Cleonice P. Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice P. Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **Europa dos pobres: a belle-époque mineira**. Juiz de Fora: Edufjf, 1994.

DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? Trad. Cláudio Hiro. **Manuscrita** – Revista de Crítica Genética, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 15. p.119-162, 2007.

DUARTE, Constança Lima (Org.). **Dicionário bibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

INVENTÁRIO DO ARQUIVO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2002.

KRISTEVA, Julia. **Sèméiôtikè**: recherches pour une sémanalyse. Paris: Seuil, 1969.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico de Rousseau à internet**. Organização de Jovita Maria Gerhein Noronha. Trad. Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Luís Costa. A análise sociológica. In:\_\_\_\_\_. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p.105-133.

LOPEZ, Telê Ancona. Uma ciranda de papel: Mário de Andrade destinatário. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 275-285.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. **Incursões pela gênese do romance *Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho*, de Gilberto de Alencar**. 2010. 248 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

\_\_\_\_\_. A importância dos arquivos para a crítica genética: um pouco de história e de manuscritos. In: SILVA, José Pereira. **Crítica textual e edição de textos**: interagindo com outras ciências. Curitiba: Appris, 2012. p. 101-113.

MORAES, Marcos Antonio de. Cartas, um gênero híbrido e fascinante. **Jornal da Tarde**, 28 out. 2000. Caderno Sábado, p. 2.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Antologia da carta no Brasil**: me escreva tão logo possa. São Paulo: Moderna, 2005.

\_\_\_\_\_. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 1-5, jan./mar. 2007.

POMPÉIA, Raul D'Avila. **O Ateneu**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Ateneu**. Campinas: Komedi, 2008.

RAMOS, Raphaela. Confidentes do tempo. **Tribuna de Minas**. Disponível em: <<http://tribunademinas.com.br>>. Acesso em: 8 abr. 2012.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2007.

RESENDE, Enrique. **Rosa dos ventos**. Rio de Janeiro, 1957.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação. 3. ed. São Paulo: Educ, 2008.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

SECRETARIA DE ESTADO E CULTURA DE MINAS GERAIS. **Acervo de escritores mineiros**. Belo Horizonte: 2007. Suplemento. Edição Especial.

SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Mello (Orgs.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica Genética. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 287-297.

VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Inventário do Arquivo Pedro Nava**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Ministério da Cultura, 2001.

\_\_\_\_\_. O Arquivo Carlos Drummond de Andrade. In: **Inventário do Arquivo Carlos Drummond de Andrade**. 2. ed. e aum. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. 2002. p. 7-15. (Série AMLB, V. 6).

VADE MECUM SARAIVA. 15. ed. atual. e ampl. Colaboração de Luiz Roberto Curia, Livia Céspedes e Juliana Nocoletti. São Paulo: Saraiva, 2013.

WILDE, Oscar. **Obra completa**. Organização e tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.